

89



MILITIA

SUMÁRIO

NOSSA CAPA	82
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
A Morte de Dick de Grebbelberg — Subten. Silvio Pedroso	6
Cumpra teu Dever Fazendo Amigos — 1.º Ten. João Aldo Danesi	8
Campos do Jordão: Nossa Colônia de FÉrias na Imprensa Paulista	10
O Gênio Estratégico do Pe. Manuel da Nóbrega — Cel. Luís Tenório de Brito ..	12
O Brasil Precisa de Físicos — Prof. Hans Peter Heilmann	14
O Drama da Cultura no Mundo Contemporâneo — Prof. Paulo Henrique	16
Uma Lição a um Recruta — Sgt. Oscar Pereira Monteiro	19
Medidas Terapêuticas Preventivas aos Cardiopatas das Forças Armadas — Dr. O.P. dos Santos Abranches, cap. médico	20
Termo de Visita — Francisca Pradelli Peyró	21
As Leis da Heráldica — Hélio A.A. Dutra de Azevedo	22
Pode um Livro Mudar nosso Destino — Juracy Magalhães S. Fernandes	26
Saudação aos Bombeiros — Maria Ramiro	30
Um Cântico na Madrugada — poema de Mário da Mata Rezende	33
NOTICIÁRIO	
Saudação à Imprensa — Discurso do cel. Jacques Júnior	36
Co-Irmã Carioca: 150 Anos de Luta	36
O Bombeiro do Ano, Símbolo Vivo de Trabalho e Abnegação	40
A Força Pública no Combate ao Mal de Chagas	42
Fala um Mestre — Major Olímpio de O. Pimentel	46
Seção de Material Bélico	61
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS — Direção do major Francisco Vieira da Fonseca	
Alagoas	50
Ceará e Distrito Federal	51
Minas Gerais e Pará	53
Paraíba e Paraná	54
Pernambuco	55
Rio de Janeiro	56
Rio Grande do Norte	57
Rio Grande do Sul	58
Santa Catarina	59
EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES — Direção do cap. Francisco A. Bianco Júnior	
Mestre Ferenc Ma'ki Visita nossa E.E.F.	76
Novo Comandante	78
SECÇÕES	
No Mundo das Letras	82
Destaques da Força Pública	88
O Brasil em Dois Meses	70
O Bimestre no Mundo	74
Palavras Cruzadas	82

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

Pedidos à revista «MILITIA» — Rua Alfredo Maia, 106 — S. Paulo

Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas "de emergência"; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma "fumadinha" durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

A IMPRUDENCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !

Contribuição de «MILITIA».

A DESPEITO de todos os entraves, prossegue a luta em favor da lei básica das Polícias Militares, na qual se unem os milicianos de todo o Brasil desde o memorável Congresso realizado em Campos do Jordão, em 1954. Vai para cinco anos, espera-se a concretização de nossos anseios que são os do povo brasileiro, merecedor de melhor proteção, que requer uma organização das P.M., consentânea com a realidade atual. Passou um lustre de idas e vindas parlamentares; meio decênio de esperanças e desilusões.

Do entrechoque das idéias e de interesses opostos, por vêzes, surgem novos projetos nas duas casas do Congresso Nacional. O projeto oriundo do conclave de Campos do Jordão foi também levado à Camara de Deputados. Oficiais de todo o Brasil, reunidos em São Paulo por ocasião do aniversário da Fôrça Públic, aplaudiram a iniciativa do autor da propositura. Mas passaram-se meses e ela não foi adiante. Mais uma desilusão veio acrescentar-se às anteriores.

Contudo, os milicianos de todos os Estados estão em atividade. Todos, sem deixar de lado o seu dever, apelam para os representantes do povo no Congresso e continuam a reivindicar a unificação das Polícias Militares, atendendo à conjuntura presente do país.

Está em vigor a lei 192, de 17 de janeiro de 1936, atual diploma básico das P.M.. Inteiramente superada, urge sua revogação. Depois dela, duas constituições federais já foram promulgadas. A legislação do Exército, de que somos reserva, vem sendo modificada de acôrdo com as contingências nacionais. As milícias estaduais, porém, continuam a reger-se por um diploma legal obsoleto, que não está de acôrdo com os problemas atuais de segurança pública e manutenção da ordem.

O mundo atravessa, no momento, uma fase de convulsões intensas e o Brasil sofre os impactos da política internacional. Movimentam-se as massas brasileiras, pelas suas reivindicações, num clima de insegurança determinado pela desvalorização crescente da moeda. Mais do que nunca, o povo tem necessidade de proteção. Os milicianos trabalham em todos os rincões do país, em defesa da tranqüilidade pública, mas os resultados estão aquém do que é de desejar. A aproximação entre as co-irmãs vem sendo feita, apesar de tudo, mas sem garantia da lei em benefício do povo. Felizmente perdura ainda a confiança no regime e a esperança de aprovação do projeto.

A morte de Dick



de Grebbelberg

escreveu SÍLVIO PEDROSO subtn.

O CANIL da D.P.M. da corporação está de luto desde às 16 hs de 15 de junho findo com a morte do cão DICK DE GREBBELBERG.

A morte passou por aquela secção da Fôrça Pública para dali ceifar prematuramente, não um simples cão, mas um autêntico herói digitigrado cuja fama, atravessando fronteiras, foi encontrar repercussão em países da velha Europa. Dick morreu com 6 anos vitimado por uma hepatite, sendo exato que, ao entrar para a Fôrça Pública, já era um produto adulto.

Inteligência e bravura eram os traços típicos daquele cão Pastor Alemão possuidor de «pedigree». Estudado com carinho no canil da D.P.M., chegou-se à conclusão de que Dick era o cão ideal que a Fôrça Pública estava esperando. Foi adestrado no encontro de objetos, crianças e pessoas idosas, estribado no grande poder olfativo de que era detentor.

Realizou diligências nas quais obteve excelso brilho. Foi televisionado por múltiplas vêzes, satisfazendo assim um pedido emanado do público. Localizou com habilidade o menor Eduardo Jaime Benevides, seqüestrado da casa de seus genitores.

Cumprê positivar que, com freqüência, a Polícia de São Paulo assume o compromisso de desvendar certos crimes cujos autores passam a constituir verdadeiras peças de estudo de interêsse a um Lombroso.

Referimo-nos aos crimes de natureza sexual, que constituem verdadeiros reptos à Polícia (civil e militar). A sociedade reclama uma solução. O cão ora em tela forneceu aos seus condutores a triagem, a local verdadeiro onde fôra jogada uma outra criança, violentada e morta pelo criminoso.

Facilitou, outrossim, a captura do bandido Clarindo Egidio Cardoso — o «Diabo Branco», como era conhecido.

Através de seus feitos, que clamam imortalidade, disputou dezenas de troféus, honrosas medalhas, títulos pomposos e uma justa fama cujo brilho jamais se ofuscará nos fastos da Fôrça Pública.

Por ai se infere que Dick foi um cão de alto méritos que chegou a arrastar aclaradas mentalidades literárias à concepção de algo em tórno de seus feitos.

Com a morte do Dick, notavel cão de criação da madama Beata Maria Meyndrshagen radicada em Campinas, perde a Fôrça Pública um de seus melhores produtos.

A sua perda representa um vacuo dentro do canil da D P M, tendo em vista que Dick era um soldado digitigrado sempre ao lado da Justiça.

Soldado, sim, de caráter integro, serviçal por excelência e possuidor de uma legião de fãs.

Ave DICK DE GREBBELBERG — cão imortal da Fôrça Pública!

CUMPRE FAZENDO

 FUNÇÃO policial, por vêzes, quando mal desempenhada é motivo de sérias desavenças e ressentimentos entre agregados sociais. E a razão disso não necessita muitas observações para concluirmos: está no defeito de formação do policial.

De um modo geral, quando se organiza um programa de instrução para a formação de policiais, têm-se em mira dotá-los do conhecimento de um sem número de leis relativamente ao desempenho da função. Esquecemo-nos, entretanto, de prever instruções de como aplicar a lei na ação preventiva, sem causar melindres, choques entre Polícia e Povo, com consequências quase sempre gravíssimas para a ordem pública e a conceituação popular relativa à Polícia.

É comum, muitas vêzes, uma pequena desinteligência entre duas pessoas degenerar em conflito, quando a intervenção policial é feita com falta de tato, no trato com as pessoas. Um caso simples para solucionar pode transformar-se num crime de desacato. Imaginemos duas pessoas discutindo por questões de somenos importância como pode acontecer até em filas de cinemas, por causa de lugar. Uma das partes pode estar mal humorada, por uma razão qualquer: discutiu em casa com a espôsa na escolha do cinema, ou castigou um filho que queria acompanhá-lo etc. Agora atrasado entra na fila e alguém tenta entrar na sua frente. Surge discussão. Todos voltam seus olhares naquela direção. O fato de estarem sendo observados, altera ainda mais os ânimos. Surge então a intervenção do policial. Se o agente não estiver preparado psicologicamente para a função, em vez de atuar como água fria na fervura, atija mais lenha na fogueira. Ninguém gosta que lhe chamem a atenção em público. Para muitos, a simples presença de um policial é motivo para acirrar os ânimos. Um policial bem formado sabe agir em público, sabe diferenciar uma pessoa séria, honesta e limpa, que, por acaso ou por circunstâncias muito contra a sua vontade e hábitos, se viu envolvida numa ocorrência policial, de outras que habitualmente se entregam à desordem, desregramento e ao desrespeito à lei à autoridade ou as regalias gerais da sociedade.

EU DEVER A AMIGOS

Um policial bem orientado sabe, também, diferenciar as pessoas nervosas, ocasionadas por uma motivação anterior, daquelas acostumadas a arengas com os agentes da lei.

Para cada tipo de pessoa uma atuação. Para as pessoas pacatas não acostumadas a intervenções policiais, nervosas em face de experiência imediatamente anterior, a ação do policial consiste em agir com polidez, prudência e, mesmo, com a maior tolerância possível. Fazer a pessoa sentir o seu interesse por ela, a sua compreensão pelo seu neversismo, qual a razão dêle, procurando acalmá-la, empregando uma energia moderada, no sentido de evitar a configuração de crime de desacato. Muitas vezes a pessoa, sem sentir, atinge os limites da figura delituenta do desacato. Uma expressão grosseira, ainda que não insultuosa, proferida em altos brados ou de modo a provocar escândalo, bastará para que se identifique este crime.

Não estará cumprindo fielmente o seu dever para com a sociedade o policial que espera passivamente ou que ainda acirra mais os ânimos do cidadão para depois lhe dar voz de prisão por crime de desacato. O policial consciente e conhecedor das características dos ilícitos penais, corta o mal pela raiz, isto é, age preventivamente, adverte a parte que a continuação de sua arenga resultará em crime de desacato cuja consequência será prejudicial, o que muito bem pode ser evitado.

Uma prudente advertência aliada a um conselho, em termos, e compatível com a circunstância e pessoa, trará, sem dúvida alguma, excelentes resultados à ordem pública e, o que mais importante é, o policial cumpriu o seu dever, como mantenedor da ordem, e adquiriu um amigo.

João Aldo Danesi

1.º Ten. da B. M. R. G. S.

CAMPOS DE JORDÃO

NOSSA COLÔNIA DE FÉRIAS NA IMPRENSA PAULISTA

O Clube dos Oficiais da Fôça Públira mantém atualmente duas colônias de férias para seus associados: uma delas em São Vicente e outra em Campos do Jordão. Enquanto a primeira nos permite gozar as delicias da praia, a outra foi construída em local saudável, de clima serrano — recanto ideal para se fugir ao bulício irritante da metrópole.

Em recente conclave municipalista levado a efeito em Campos do Jordão, numerosas personalidades tiveram ocasião de visitar nossa Colônia. Um dos visitantes, o jornalista Afonso Dias, não escondeu seu entusiasmo e, na esperança de ver concretizada a idéia da construção de algo semelhante naquela localidade, para os profissionais da imprensa paulista, deu a público suas impressões sobre o que viu, em trabalho publicado no Diário de Notícias de Ribeirão Preto, em 17 de junho do corrente ano.

É com satisfação que MILITIA transcreve as impressões daquele jornalista, que procurou assim dar um exemplo à categoria profissional representada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.

N OS DIAS MEMORAVEIS que passamos na magnífica estância climática de Campos do Jordão, tivemos ensejo de efetuar uma visita à bela e confortável Colônia de Férias da Fôrça Pública do Estado de São Paulo. Ali, foi servido aos congressistas delicioso churrasco. Tivemos ensejo de apreciar as belezas naturais que propicia o local. Observamos o bom gosto. As casas de feto simples e tôdas de madeira, dão um aspecto dos mais notórios. Ao lado do prédio central, onde se localizam bar, restaurante e salões de jogos recreativos e de leitura, situa-se um bonito lago, que ornamenta ainda mais aquela Colônia de Férias. O local é próprio para um repouso confortável. E não houve um sequer delegado ao congresso que não elogiasse o local. A simplicidade, o elevado espírito de camaradagem e cordialidade dos anfitriões oficiais da gloriosa Fôrça Pública do Estado de São Paulo contribuíram para que a turma visitante se sentisse à vontade. Um dos promotores dessa magnífica excursão foi o grande municipalista cap. Monte Serrat. Esse oficial tem acompanhado de perto os problemas municipalistas. Tem participado de vários congressos e, porisso mesmo, se interessa pelos problemas dos homens que lutam por um municipalismo melhor.

ENQUANTO se saboreava o churrasco, discutiam-se questões municipalistas. E o dr. Aniz Badra, presidente da Associação Paulista de Municípios, ao lado do dr. Ney Coutinho, diretor executivo da entidade, animavam os excursionistas com seus comentários «sui-generis». Foi uma reunião agradável. Agora, ao que se noticia, uma das empresas imobiliárias doa terreno ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, para construção de sua Colônia de Férias, ao lado ou nas proximidades da Colônia de Férias da gloriosa Fôrça Pública. Situa-se a área de terra nas proximidades da chamada «Pedra do Baú», localizada no ponto mais alto do município de Campos do Jordão.



O GENIO ESTRATÉGICO DO PADRE MANOEL DA NOBREGA

== Cel. Luiz Tenorio de Brito ==

Em companhia do governador geral Tomé de Souza, embarcou na Bahia o padre Manoel da Nóbrega, em viagem de inspeção aos colégios que, por sua ordem semearam litoral a fora o padre Leonardo Nunes. Não gostou do de S. Vicente. Exposta aos ataques da pirataria que então infestava os mares e às investidas dos tamoiós, não oferecia a vila afonsina as condições de segurança requeridas para sede de uma escola de tamanha relevância. Além disso, os curumins que a freqüentavam vinham em sua maioria do planalto piratiningano, de onde igualmente desciam os mantimentos que os alimentavam. A situação não lhe pareceu lógica. Resolveu, pois, o padre Manoel da Nóbrega escalar a serra do Mar. Na Borda do Campo avistou-se com João Ramalho. Aplainadas as arestas que os zelos talvez excessivos do padre Leonardo Nunes haviam criado entre o patriarca e a nova ordem de coisas ora em desenvolvimento, entenderam-se os dois homens aos quais estava reservado extraordinário papel no drama da configuração geográfica do Brasil futuro.

Guiado pelo filho mais velho de João Ramalho e Bartira Vitória — empregou o padre Manoel da Nóbrega todo o segundo semestre de 1553 em reconhecimentos das tererás de serra acima. Conheceu-lhes os chefes indígenas amigos de João Ramalho; sondou-lhes os recônditos; inteirou-se dos seus costumes certificando-se de sua lealdade. E fixou depois o local do futuro colégio, com transferência de S. Vicente, cuja inauguração marcou para 15 de janeiro de 54, dia de São Paulo, santo de sua especial devoção. Como base à segurança desse lugar predestinado, único na região dotado das condições geográficas próprias à formação do maravilhoso centro de civilização e trabalho de hoje, que é São Paulo, apoiou-se o padre Manoel da Nóbrega

na bravura de chefe Tibiriçá, aldeado lá pelas bandas do atual São Bento e na dedicação de Caiubi, dos lados da Tabatinguera.

Essas primeiras disposições táticas evoluíram no espírito do padre Manoel da Nóbrega, atingindo a lances magníficos de alta estratégia. Acompanhemos, pois, em rápidos bosquejos, a trajetória política desse vulto notável da integridade territorial do Brasil nos primeiros tempos.

Entrando em funcionamento o colégio, voltou-se o padre Manoel da Nóbrega para o plano de sua estabilidade. Os franceses dominavam a Guanabara e os tamoiós, senhores do litoral, de Bertioiga ao Cabo Frio, aliaram-se aos calvinistas, contra os portugueses. A situação do Colégio não oferecia pois condições de solidez. É verdade que João Ramalho, na Borda do Campo, era uma força amiga pronta a entrar em ação na defesa dos jesuítas. Mas, como confiar na Vila de Santo André, localizada na planície, destituída de elementos naturais de abrigo?

Dai a resolução de Nóbrega: esclarecer o governador Mem de Sá, chamando-lhe a atenção para a gravidade do caso. Não houve dúvida. Santo André foi transferida para o pátio do colégio, com a sua Câmara Municipal, pelourinho e tudo. Só então foi possível a organização de um plano de defesa em torno à vila de São Paulo de Piratininga, cabendo a João Ramalho o posto máximo de seu comandante. Assim, quando em 9 de julho de 1562 os índios confederados investiram contra a cidade alcantilada na colina sagrada, o fracasso marcou o assalto monstruoso.

Providência de alta significação, de ordem estratégica, brotou do cérebro privilegiado de Nóbrega, logo após o tremendo embate.

Constituiu ela na organização de aldeamentos, dirigidos por padres, em redor

da vila nascente. Verdadeiros postos avançados, tinham eles a missão de prevenir em caso de aproximação do inimigo, dando tempo a que os elementos previamente escalados ocupassem os seus lugares. Além dêsse alto sentido militar, trazia ainda a medida a conveniência da descentralização da índia ociosa, vivendo em tórno ao Colégio.

Lá, nos aldeamentos, trabalhariam os catecúmenos para o sustento próprio, facilitando-se a prática da disciplina e a observância dos preceitos religiosos. Com o tempo, transformaram-se quase todos êsse aldeamentos em núcleos estáveis de população integrados no Estado como florescentes municípios ou progressistas distritos de paz. Vêm daqueles idos o antigo Ilirapuera o Santo Amaro de hoje, instalado na boca de vereda que caminhava ligando os campos curitibanos. Carapicuíba, com a dupla missão de fiscalizar o Tietê e o Peabiru que demandava o Paraguai. O misterioso Embuçava olhava o trilho que a futura estrada de ferro Santos-Jundiaí aproveitaria para lançar as suas paralelas de aço. Guarulhos, Itaquaquecetuba e Uruai (hoje S. Miguel) guardariam toda a região dominada pelos tamoiós e nações suas aliadas do vale do Paraíba e adjacências.

Perfeito o anel de proteção que enãc envolveu S. Paulo de Piratininga. Quem quer que pretendesse atingir o povoado, individuo ou grupo, seria imediatamente notado. Os habitantes do planalto piratiningano poderiam considerar-se em sôssêgo. Menos um o padre Manoel da Nóbrega, superior dos jesuítas no Brasil e responsável pelo bem estar da terra que adotara como a do seu nascimento, desde o dia em que, deslumbrado com a beleza do País, que vislumbra da Bahia, pronunciou, emocionado, a frase que a história recolheu: "Esta terra é a nossa empresa". E a terra de suas preocupações corria perigo. Nas vigílias de evangelizador ou nas meditações de homem de estado a que constantemente se entregava, entrevia o padre Manoel da Nóbrega sombrios horizontes. Os tamoiós, batidos embora na investida, voltariam em tentativa suprema de destruição do Colégio. Os franceses lá estavam na Guanabara, cada dia mais fortes, ameaçando de fragmentação a unidade geográfica, linguística e religiosa do Brasil.

E mais. Amigos dos tamoiós, insuflavam-lhes os franceses com redobrada intensidade o ódio contra os portugueses. Diante de conjuntura tão grave, resolveu o padre Manoel da Nóbrega agir e o fez em profundidade, audácia e sabedoria. Suas cartas contêm os dramáticos apelos que então dirigiu ao governador Mem de Sá e a el-rei, seu amigo pessoal, concitando-os à ação. E até que a ação governamental aparecesse, concebeu o cérebro do padre Manoel da Nóbrega o mais assombroso quanto temerário dos planos. Iria ao encontro dos chefes tamoiós, com eles parlamentar.

Examinados cuidadosamente todos os aspectos do problema, convidou o irmão José de Anchieta, seu secretário, a compartilhar de sua sorte. E lá se foram eles, Atlântico a fora, os dois fantásticos embaixadores, Nóbrega e Anchieta, em canoa de José Adorno, cidadão italiano, que se tornara benemérito em Santos, terra que adotara como sua segunda pátria e que pessoalmente os acompanhara até Iperoig, a Ubatuba de hoje.

Intrusos nos aldeamentos tamoiós, arastaram-se morosamente as conversações entre os bravios guerreiros adversos e os dois indefesos jesuítas.

Interpretando os argumentos de Nóbrega, Anchieta doirava-os de poesia e sonoridades musicais que enterneciam seus rudes hospedeiros. Após cinco meses de alternativas ora alviçareiras ora dolorosas, conseguiram eles abrandar as asperezas iniciais.

E a paz entre portugueses e tamoiós foi selada. O resultado desta manobra de larga envergadura estratégica está em que, ao serem atacados pelas forças portuguesas, engrossados por trezentos vicentinos que José Adorno e outros armadores santistas transportaram e assistidos (senão comandados) por Nóbrega e Anchieta, não contaram os franceses, como outrora acontecia, com a ajuda dos dez mil arcos tamoiós. Foram batidos e expulsos definitivamente do País.

Nunca será demais realçar nesse empolgante episódio da história pátria o pioneirismo dêsse memorável tratado de paz em terras americanas e a compreensibilidade dos grandes chefes tamoiós, de cujas conseqüências resultou a unidade brasileira, então seriamente ameaçada.

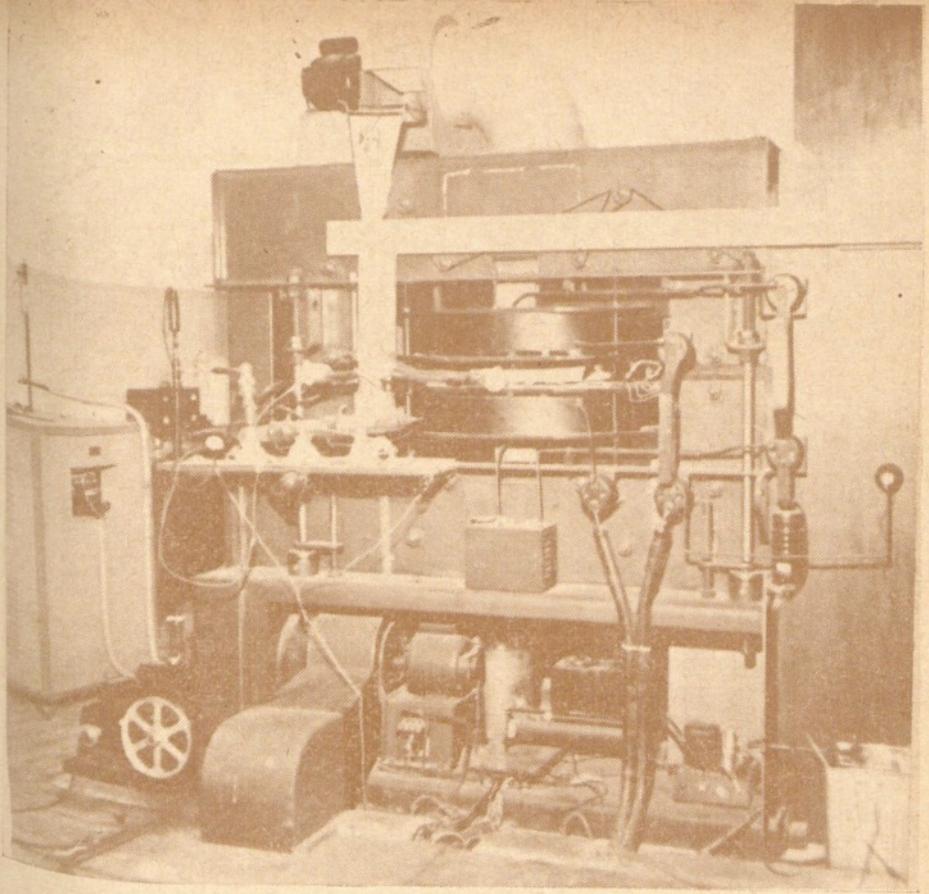
O Brasil precisa de físicos

PROF. HANS PETER HEILMANN

Nunca é demais repetir este fato notório: um país em fase de industrialização e desenvolvimento, como o nosso, precisa de técnicos e cientistas, em grande quantidade. É evidente que a primeira preocupação é a de formar os técnicos necessários para o momento, aqueles que devem dirigir nossas fábricas, nossas usinas, ferrovias, sistemas de água etc.; tais ocupações de interesse imediato constituem as ciências aplicadas. Entretanto uma vez atingido um certo estágio de desenvolvimento, para o qual estamos agora nos encaminhando, intervem uma formação diferente, a do cientista puro, dedicado à pesquisa sem interesse imediato; o fato de ela não prometer frutos para já não quer dizer, porém, que seja inútil; muito pelo contrário, ela é um investimento a longo prazo, como o fazem as sociedades de visão. Muitas das grandes descobertas que hoje beneficiam a humanidade (inclusive esta maravilha moderna, o transistor) saíram de laboratórios de pesquisa pura. Os norte-americanos, durante certo tempo, não deram atenção suficiente à pesquisa pura, e pagaram muito caro por esse erro.

O físico é o pesquisador puro por excelência, muito embora de suas especulações possam sair notáveis descobertas e formidáveis armas. No Brasil, o número de físicos é ainda diminuto, embora se esteja notando um aumento promissor.

Há duas razões principais para a falta de físicos: as dificuldades da formação profissional e as poucas oportunidades que se ofereciam aos físicos até agora. O primeiro desses fatores está sendo removido, mas o segundo infelizmente continua. Há dias, um conceituado matutino da capital publicou artigo chamando atenção para o alarmante êxodo de físicos do Brasil para países estrangeiros. Explica-se isso por encontram os cientistas, e principalmente os físicos, dificuldades de toda sorte para progredir e produzir, quando no exterior tudo lhes é facilitado. A dificuldade começa na aquisição de livros (um livro de nível universitário custa da ordem de 10 a 15 dólares, i. e., 1400 a 2100 cruzeiros), e na



Obetatron da Cidade Universitária de São Paulo. A seta indica a câmara horoidal onde se dá a aceleração dos eletrons

aquisição de aparelhos grandes e pequenos, onde aos problemas de verba se juntam as dificuldades alfandegárias. Finalmente, há a remuneração ridiculamente pequena dos cientistas ditada pela eterna escassez de verbas. A pesquisa científica é uma ocupação absorvente, que exige toda a atenção e todos os esforços do cientista, que não poderá se dedicar a outros misteres lucrativos; deveria, pois, ser remunerada condignamente, o que na maioria dos casos não ocorre.

Apesar desses percalços, aqui fica lançado o apêlo: a física é uma carreira belíssima e promissora, pois as coisas não vão ficar eternamente assim como estão. O Brasil está se desenvolvendo a passos de gigante, de modo que chegará o dia em que nossa indústria estará tão desenvolvida que se voltará para os físicos, que encontrarão então amplamente recompensados os seus esforços e acrifício. Para êsse dia, precisamos constituir uma reserva de material humano, sob pena de ficarmos para trás no nosso esforço industrial. Nessa nobre tarefa, é de vital importância o trabalho dos professores, despertando vocações, orientando, contribuindo para a formação dessa geração de físicos de que o país tanto necessita.

O DRAMA DA CULTURA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

PROF. PAULO HENRIQUE

(Extrato de discurso pronunciado pelo prof. Paulo Henrique, em Santa Rita do Passa Quatro)

O tilintar do ouro e o prestígio político é que valem recompensas, aclamações e acatamento. Pasteur, salvando rebanhos com a descoberta da vacina contra o carbúnculo, ou achando um processo de preservação de vinhos especiais para exportação, foi quem, de fato, reergueu a França vencida em 1870, mas é um político, Thiers, quem figura como o mago da ressurreição francesa.

Na organização em que vivemos, o saber, não raro, é mais castigado que o crime. Se o crime às vezes rende prisão aos infratores imoderados, o saber também deu cadeia a Camões, a Bartolomeu de Gusmão, a Galileu, e aos iniciadores da anatomia. Deu ainda morte a Sócrates, a Cristo, a Arquimedeus, a Henrique IV da França, a Goethe, Camilo e Lavoisier.

El quando não é cadeia, nem patíbulo, nem o suicídio motivado pelos traumas morais, é o drama da incompreensão, é a neurose das frustrações que atiram os Diógenes, os Alexandres e os Bilacs aos vícios e às psicoses. El como fundo de qua-

dro, a humildade, a pobreza, não raro a miséria. Camões pedindo esmolas através do escravo javanês; Colombo gemendo nas ruas de Valladolid; Euclides da Cunha sem um níquel, e já tuberculoso, antes de morrer a bala; Pedro Andrade vendendo móveis para prosseguir em suas experiências.

Dir-se-á que é quadro do passado. Não. A Pedro Batista, a Câmara Estadual de São Paulo negou cem contos quando o Estado ficaria dono de todos os seus inventos, em 1936. O Estado, relativamente, patrocina mais os clubes de futebol que Institutos de cultura. El não é só no Brasil. Investiguemos por que, sendo a televisão de Barthélemy, apareceu ela nos Estados Unidos e não na França.

Na maior parte do mundo, nega-se à cultura até este reconhecimento argêntario: ignora-se ser ela quem cria a riqueza do cidadão; ela quem faz vir moedas à arca dos governos e mais, muito mais, que impostos novos e multas a todo pretexto.

Embora a grande indústria cinematográfica possa apresentar sempre filmes do nível moral e cultural de «A mulher faz o homem», «Zola», e outros, prefere produzir, em massa, películas de «far-west», nas quais o fratricídio e o racismo estão implícitos. E que são fitas que sabem melhor às multidões ávidas de emoções fortes, logo as que produzem grandes lucros. Assim, a perversão do gosto das platéias se acentua, e a invenção de Lumière foge ao seu destino legítimo, de grande fonte de instrução popular!

Na ciência, não são raros os casos em que inventores alcançam bons preços por patentes, que nunca ou muito tardiamente são industrializadas. E que tais patentes, às vezes

de grande vantagem social, viriam trazer prejuízos a outras indústrias.

Imaginemos um veículo super econômico: a patente seria adquirida de preferência, por produtores de combustíveis, que congelariam a invenção.

Imaginemos um modo de se aproveitar a energia das marés ou da radiação solar: eis outros engenhos que, possivelmente, foram adormecidos, por longos anos, pelos fabricantes de geradores clássicos. Assim, os imensos recursos da ciência ainda não foram postos a serviço dos povos, na sua capacidade plena: a fonte, que tem vasão para mitigar a fome e as endemias da humanidade toda, apenas goteja no cântaro dos interesses econômicos de certos grupos poderosos...

O perigo, para o intelectual, está na grande massa dos inertes, que constituem a reação ao progresso. Tornamo-nos indesejáveis porque, ao modelo de Voltaire não podemos aceitar como estática uma sociedade tão preñe de erros. E também porque perfilhamos a idéia de uma dinâmica social à base de evolução, e que tenha por escôpo a continuidade do progresso em todos os seus aspectos, do técnico ao moral, bem como a harmonia social baseada na justiça e nunca acomodações covardes à custa de coações. O simples fato de estar evidenciado que o trabalhador intelectual é, no momento, o mais deserdado, sem mesmo a sombra das leis trabalhista, mostra bem que o nosso ponto de vista, oriundo de aspirações racionais, não em qualquer veleidade político-partidária, nem ligações maiores que o aplauso ao que nos pareça certo, seja no regime que for. O homem de cultura não é democrata, comunista ou facista: é um dissecador. Como analista impertubável, é anotador, cadinho de raciocínios, operador atento a rigorosas pesadas e quotidianos ensaios. Compreende e aplica ou compreende e traduz na sucinta, fria, impecável linguagem das fórmulas científicas. Assim o espírito do sábio não se pôde dar ao luxo de côres, sempre ortogonal, cartesiano, logicista, em perseguição ao seu eterno objetivo que é a verdade científica. Não nos interessa se a verdade está atrás da «Cortina de Ferro» ou da Cortina de Dólares».

Aplaudiremos o mérito sem inibições doutrinárias. Nossa tarefa é aferir a medida certa em qualquer latitude geográfica ou política. O homem de ciência não pode identificar-se com interesse político, internos ou externos, porque as fórmulas de governo são muito mais efêmeras que os postulados da ciência. O império romano desapareceu há muitos séculos, enquanto que o princípio de Arquimedes, mais velho, continua válido. A disputa entre Pasteur e os defensores da geração espontânea deu-se sob certo clima político francês. Pois os princípios que Pasteur estabeleceu duraram mais que aquele clima e, talvez, sejam, mesmo, mais longevos que a gloriosa França. E, no grande duelo que hoje se trava, no campo da genética, entre os adeptos de Mendel, no ocidente, e os Lisenko no oriente, o princípio que se firmar como veraz, sobreviverá seja ao capitalismo ocidental seja ao socialismo soviético. A vida é breve mas a ciência é duradoura, como diz a lenda de Ramos de Azevedo. Por isso, tenhamos espírito sereno e forte. A obra dos sacerdotes de Minerva é muito longa. Apagada agora, refulgirá no futuro.

A ciência é gêmea da liberdade: ou vive com ela e se chama Grécia e França, nos zênites da história, ou cai com ela nos eclipses e sínopes da humanidade, entre Idades e regimes de opressão. Saibamos defender a ciência, porque o espírito nunca morre: sobrevive como núcleo do progresso, nos teoremas e leis, nos livros e lendas, e constitui, imperecível, alma, raciocínio experiência, pois é observação e trabalho, é a cultura das gerações.

Se, por ventura, isso pudesse morrer conosco, a civilização não existiria: seríamos eternos trogloditas.

A medicina tanto pode ser a oportunidade bendita de lutar-se contra a dor e a morte, como a tentação maldita, de enriquecimento rápido, dos charlatões granfinos. A advocacia tanto pode ser a arma da justiça, que pune o transgressor e vai em socorro da vítima, como a farsa dos chicaneiros. A engenharia tanto pode ser o ninho do raciocínio, que subjuga o espaço, reduz os atritos e suaviza o trabalho humano com a

máquina redentora, como pode a ser mediocridade do construtor de apertamentos que revende plantas. A química pode produzir os miraculosos antibióticos ou as bombas fratricidas. Está em nós dar o triunfo a Mazda. Não nos iludamos com a grande safra que Arimã recolhe nestes tempos. Se os vampiros sugam o máximo, é porque a noite se estingue e, já no horizonte, se enxerga a luz. Se os vampiros sugam o máximo, é porque a noite se estingue e, já no horizonte, se enxergam os prenúncios do arrebol. O governo dos mais fortes foi substituído pelo dos mais ricos, mas chega a vez dos mais capazes: é a fase intelectual da evolução política, que se avizinha. O advento da energia atômica no campo da física e do socialismo no campo filosófico-social, e o das grandes nações orientais como a China, Índia, Pérsia e Egito, portadores de culturas tradicionais, no campo político, é o augúrio de nova era na história. É para ela que nos devemos preparar. Tenhamos olhos para o amanhã que é aurora e não o hoje, que finda na frouxa luz do sol poente!

UMA LIÇÃO

N O ANO de 1938, por ocasião de nosso alistamento na Força Pública, a Secção de Alistamento funcionava no antigo Centro de Instrução Militar, à Avenida Tiradentes. Na parede ao lado da garage da Prefeitura Municipal, onde atualmente se acha instalado o quartel da Delegacia de Polícia Militar, havia um grande tanque com torneira giratória, onde os recrutas costumavam lavar as mãos, perneiras e outras peças sujas por ocasião da instrução. Lembro-me que numa tarde após exercícios do quartel, um sargento já de idade e semblante sisudo, dêsses que chamamos na gíria militar da Força, "sargento crente", e que depois soubéramos ser um estagiário, procedia com grande interêsse à lavagem de uma peça íntima de seu uniforme, quando apareceu um "paisano", candidato ao alistamento, que aguardava sua vez para saciar a sêde e dirigiu a palavra ao velho soldado:

— Por que está lavando essa peça, sr sargento?

Este muito sério sem desviar os olhos do serviço que fazia, respondeu nervoso:

— Estou lavando porque esta cheia de "persevejos".

Comenta o paisano, em tom de zombaria: — Mas seu sargento, "persevejo" é família de soldado.

Foi o bastante. O sargento ficou furioso e retrucou ameaçador:

— Olha aqui, paisano. Não sei onde estou que não te reben-to a cara, porque tenho família, espôsa e filhos e não admito que se diga isso dos meus.

O recruta ficou tôdo trêmulo, procurou se desculpar e por pouco não recebeu lição pelo método da ignorância.

SGT. OSCAR PEREIRA MONTEIRO

A UM RECRUTA

MEDIDAS TERAPÊUTICAS PREVENTIVAS AOS CARDIOPATAS DAS FORÇAS ARMADAS

DR. OSCAR PINHEIRO DOS SANTOS ABRANCHES
(CAPITÃO MÉDICO)

Do que ficou exposto em assuntos médicos já relatados pode-se fazer uma triagem criteriosa dos futuros candidatos às doenças do coração e dessa maneira poderemos, compilando o arsenal terapêutico empregado nas cardiopatias, delinear um tratamento preventivo para os que apresentem insidiosamente a enfermidade cardíaca, assim como estacionar, ou melhorar, os já definitivamente declarados cardíacos.

Tomemos por base as seguintes condições etiológicas: a) hereditariedade; b) idade; c) o habitat; d) arteriosclerose; e) reumatismo; e f) sífilis etc.

O nacional, oriundo das camadas pobres, traz como legado de herança, em consequência mesmo do seu modo de vida, uma gama de doenças as mais diversas, influenciando dessa forma na sua descendência toda constituída de raquíticos, nevropatas etc., e os que sobrevivem a essa hecatombe vão constituir aqueles jovens de 18 anos, voluntários às diversas forças armadas e então teremos no meio militar ditos indivíduos incorporados, mesmo porque é comum seus exames de saúde como reações sorológicas de lues, etc., trazerem resultados normais. Aí está o porque dessas medidas terapêuticas preventivas ou curativas para aqueles que já fazem parte da coletividade militar. Os medicamentos em uso atualmente são diversos como o fosfato de iproniazida e o tetranitrato de penta-eritritol, a clorotiazida, a papaverina, a rutina, a aminofilina, a reserpina, a tevetina cristalizada, o khellin, a

digitalis lanata, a penicilina, os compostos ferrosos, extrato hepático, complexos vitamínicos, vitaminas B 1, B 2 etc.

Quando o infante, no desempenho de suas árduas tarefas de caserna, queixar-se ao médico do batalhão de falta de ar, (dispnéia), mesmo insignificante, deve imediatamente ser posto em prática o exame clínico cardiológico e, então, iremos ter a oportunidade ou não de lançar mão dos recursos terapêuticos mencionados acima.

O problema será saber se o paciente é portador de uma cardiopatia anorgânica e a perícia médica resolverá o assunto a contento. Se estivermos em presença de uma enfermidade anorgânica combateremos a falta de ar oriunda por exemplo de uma anemia verminótica ou pluri-carencial, dando os específicos dessas moléstias com os anti-helmínticos, complexos vitamínicos, a par de uma medicação cardiotônica como a glicose a 50% em 10c.c. de injeção intravenosa, associada à vitamina B 1 de 100 mg. e evitando dessa forma que o miocárdio do enfermo entre rapidamente em insuficiência.

Em se tratando de lesão das válvulas do coração procuraremos tanto quanto possível erradicar o agente etiológico, recorrendo a injeções de bismuto, a penicilina, iodetos de potássio, de sódio, com o fito de tornar, talvez estacionária a progressão do vírus. Isso se estivermos em luta com o spiroqueta de Schaudin, porque a anomalia da válvula não poderemos restaurar, a não ser cirurgicamente o que constitui uma incógnita.

Outrossim, há a possibilidade do militar queixar-se de dôres em uma ou mais articulações com hipertermia, fadiga fácil etc., e estarmos em presença, assim, do agente etiológico do reumatismo, para cujo tratamento poderemos usar penicilina em doses maçãs, conjuntamente com os salicilatos etc.. Estaremos concorrendo, dessa forma, para prevenir que o vírus se localize nas válvulas do coração, vindo deformá-las; ou, se tal acontecer, resta-nos o recurso, talvez, da cirurgia, quando se tratar, já neste caso, de uma cardiopatia orgânica.

Os outros componentes terapêuticos, como o Khellin, o Tetranitrato de Penta-eritritol, a papaverina etc., auxiliação, se houver necessidade de usá-los, na prevenção do angor pectoris, e bem assim anti-coagulantes como o Tromedán, o Marcoumar, e heparina, para evi-

tar possivelmente, o infarto do miocárdio. A clorotiazida, a reserpina, a papaverina, a rutina, etc., para os hipertensos; isto é, esses pacientes estarão presentes no âmbito militar, se não forem tomadas medidas mais drásticas como as que já foram preliminarmente citadas. Sendo assim, a terapêutica mencionada linhas atrás para os anêmicos, sífilíticos, reumáticos, hipertensos etc., servirá para que esses homens sejam designados para funções cabíveis ao seu estado de cardiopatas em pontencial, como a burocracia e não mais nos serviços comuns da caserna. Dessa forma, conduziremos essas pessoas à compensação de sua doença.

Não cabe aqui neste assunto médico fazer tratado de terapêutica e sim dar noções de medicina preventiva.

Termo de visita

escreve:

— Francisca Pradelli Peyró —

(Colônia de Férias do
Vale encantado, em
Campos do Jordão)

Adeus... Palavra doída!!... Pela vez primeira senti ao pronunciá-la, arderem-me os lábios e rolarem-me as lágrimas. Sim, foi isto mesmo que senti, partindo, contemplando-te do alto, ó Vale Encantado!

Mas, assim como a mãe ao nascer o filho, sente dor e alegria, assim também em mim, ao nascer o amor por ti, Vale Encantado, senti dor e alegria. Dor, por deixar-te após tão poucos dias; alegria, porque em tua natureza grandiosa, minha alma sedenta de paz e de Deus, sente-se agora satisfeita e tranqüilla! Porque em verdade, eu vi Deus em ti, Vale Encantado! Nos teus pinheirais, nos ninhos que gorgeliam em teus bosques floridos, na tua fonte de encantamento... Vi Deus sorrir nas tuas flores, acariciar-me deliciosamente com tua brisa, a noite sob o céu estrelado...

O C.O.F.P., com seus "chalets" multicores incrustados no verde de teus montes, dá o toque pitoresco da paisagem... No teu convívio, não há hospedes, há uma só família, almas irmanadas, buscando um só objetivo, um só ideal: paz, natureza, amor fraternal, alegria pura e sincera, tudo que o bosborinho da cidade esconde ao homem!...

Adeus, Vale Encantado!... Até um dia, por ora... pois levô-te comigo, para sempre estampada em minha alma e no meu pensamento, detalhe por detalhe, de tuas paisagens, de tuas maravilhas, desde o amanhecer até o surgir da lua.

Até a volta... Ah! espere... falta uma coisa. Sim, é você, Adauto, que faz parte do Vale Encantado. A você, Adauto, o meu muito obrigada. Continue como sempre, tratando com carinho o meu Vale Encantado! Sim, o meu, o seu, o nosso Vale, porque, quem aí vai, toma posse com o coração.

E assim, com este sentimento externado nestas linhas, vou-me embora com vontade de ficar...

AS LEIS DA HERALDICA

HELIO A. A. DUTRA DE AZEVEDO

Cavaleiro da S.O.C.S.P.A. — Sócio
Efetivo do Instituto Genealógico Bra-
sileiro — Da Fed. dos Institutos Ge-
nealógico da América Latina

(VIII DE UMA SÉRIE)

“Não vejo que há, contudo, descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que lhes fica;
E se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura,
Mas destes acha pouca a pintura.”

(Versos anônimos do século XVI)

“... A heráldica, ciência moderna e interessante, entre nós ge-
ralmente repudiada com desdém, pela simples razão de ser desco-
nhcida...”.

(Antônio de Vasconcelos)

As Leis Heráldicas.

A heráldica, possui algumas normas ou regras imutáveis que, a despeito da fidelidade dos seus artifices, foram violadas algumas vezes.

Não queremos entrar nos muitos labirintos desses detalhes, pois resultaria em confusão, e tal matéria ficaria melhor em tratados ou trabalhos especializados; porém transcreveremos estas leis imutáveis, com as suas exceções mais importantes.

NORMA I

«Não se deve colocar, jamais, nos escudos, metal sobre metal, nem côr sobre côr.»

As armarias que contrariam esta lei, chamam-se «falsas». Esta é a lei maisconhecida e fundamental da heráldica. Os tratadistas explicam-na como precedente dos torneios, em que se usavam vestimentas de côr sobre armaduras de metal prateado ou dourado.

Contudo, cremos que a verdadeira origem desta norma está no profundo-senso artístico dos primeiros heraldos e reis de armas, no que foram imitados pelos seus sucessores, e que desejavam lograr, pelo contraste dos metais com as côres, um efeito de conjunto harmonioso e belo.

O brilho que parece ter a côr, o realce das figuras, deve-se sòmente a esta lei. Enquanto que as armarias em que excepcionalmente não se observam esta lei são de um tom apagado.

As exceções são as seguintes:—

1.^a) — As armarias de «enquerre» ou de «enquirir», conforme vimos em outro capítulo, são violações desta lei, porque apresentam figuras de metal sòbre campo de metal ou figuras de côr sòbre campo de côr. Exemplo palpável são as armas de Godofredo de Bouillon, por trazer uma cruz de ouro, carregada de quatro cruces menores do mesmo, sòbre campo de prata (fig. 220).

2.^a) — Frequentemente, os escudos das cidades de França apresentam-se com o «chefe» de côr sòbre campo de côr. E isto por concessão dos reis de França. Para «salvar as aparências», quando um «chefe» está assim, diz-se que êle está «cosido». (fig. 221)

3.^a) — A púrpura, tanto é considerada metal como côr. Assim, não há infração da regra, quando ela é usada sòbre metal ou sòbre côr.

4.^a) — Para as figuras humanas de côr natural e para os animais «ao natural», ou de sua côr própria, a regra não se aplica, pois é omissa a respeito. (fig. 222)

5.^a) — Sem grave infração, observa-se, quase sempre, que as «brissuras» são de metal sòbre metal ou de côr sòbre côr. Assim, vai-se tornando regra. (fig. 223)

6.^a) — Para o caso das unhas, bicos e línguas de animais, também para as coroas, colares e outros adornos das figuras, não há objeção quanto a serem de côr ou de metal sòbre côr ou metal.

NORMA II

«As figuras próprias das armarias devem estar na situação e lugar que lhes corresponde.»

Há exceção sòmente para os casos em que não é possível blasonar de outro modo. Exemplo: As bandas, as faixas, e as barras, quando se põem duas ou três etc. Nesse caso, é óbvio que tôdas elas não podem ocupar o lugar que lhes corresponde no escudo.

NORMA III

«As figuras naturais, artificiais e quiméricas, quando não existe mais que uma no escudo, são colocadas no centro do mesmo, e fosse qual fosse o seu tamanho natural, são representadas tomando todo o campo do escudo, sem tocar os extremos.» (fig. 224)

NORMAS IV

Quando, num escudo, existem figuras que não são peças honoríficas, em número de três, duas são colocadas em «chefe» e uma em «ponta», sem necessidade de especificar.» (fig. 225)

AS BRISURAS.

A palavra «brisura», assim como quase todos os termos da heráldica, é um vocábulo francês, isto é, uma adaptação francesa. Em nosso idioma, ficaria melhor dizer «ruptura», «brica» ou «diferença». Sua finalidade é de alterar o escudo em que recai.

As «brisuras», pois, não consistem noutra coisa senão em peças ajuntadas às armas originais, para distinguir as linhagens secundárias etc., da linhagem «direta», «primogênita», isto é, «principal» pela ordem de nascimento ou sucessão.

Também, serve para distinguir as linhas bastardas das legítimas.

O filho primogênito, também chamado «chefe de nome e armas», usa as armas «puras», isto é, originais, que correspondem à sua casa. O segundo filho, terceiro, e daí por diante, estão obrigados a «brisar» as armas que usarem, de família, para distinguí-las das que correspondem à linha principal ou primogênita.

As «brisuras» variam nos diversos países. Porém, de modo geral, são identificadas no canto superior direito do escudo ou no centro do «chefe», isto é, sobre as armas principais do brasão (o «chefe» poderá ocupar diversas posições no escudo:— sobre as outras armas, no centro do brasão, ou nos lados etc. mas, comumente, o «chefe» é colocado numa faixa que se reserva na parte superior do escudo).

O canto esquerdo do escudo, bem como outras posições do lado esquerdo, estão reservadas para as brisuras dos bastardos que, mais motivo têm de «brisar» que os filhos legítimos.

Hoje em dia, infelizmente, temos observado muito descaso neste particular. E não estou dizendo de filhos bastardos, ou pseudo nobres, mas de muitos filhos legítimos de estirpes nobres, que, sem mais nem menos, vão adotando os brasões familiares sem a mínima atenção às exigências da heráldica. É erro muito grave e lamentável.

As peças das brisuras ficam à escolha do nobre que a usará. As figuras variam desde os crescentes (meia lua), às estrélas, flôres, frutos, folhas, rosetas de esporas, leões, águias, lises, castelos, quinas, leopardos, bastões, asas, moedas, faixas etc. etc.

Muitas pessoas, e mesmo alguns heraldistas opinam que para «brisar», «bastaria, também, trocar as côres das armas ou inverter os esmaltes. Porém, os tratadistas não apoiam de todo a idéia, e têm apontado diversos sistemas, que não são observados plenamente.

Além das «brisuras» de que falamos, existe, também, a «brisura dupla» ou «sobrecarregada» e a «sobrebrisura», que servem para os filhos segundos, terceiros etc., da segunda geração. Esse modo de «brisar» quase não é observado e, também, não há nada de obrigatório nesse sentido.

Seriam intermináveis essas modificações que, a título de «brisuras», os autores nos apresentam. De um modo geral, convenhamos que as peças de «brisura» devem ser de esmalte ou côr diferentes das do escudo.

As brisuras são muito usadas em França. Citaremos alguns casos a título de curiosidade:—

O duque de Orléans, adota as armas de França, isto é, «três flôres de lis de ouro em campo azul», e por «brisura» um lambel de prata.

O duque de Anjou usa uma bordadura de «gules» como «brisura» às armas de França, assim como o duque de Alençon usa uma bordadura de «gules», carregada de oito bezantes (moedas antigas) de prata por «sobrebrisura».

A «bordadura», segundo Santos Ferreira, é «uma espécie de aro, ou de virola, pôsto em volta do escudo», sendo que «os seus bordos exteriores coincidem com os do escudo; os interiores são-lhes paralelos, ordinariamente.» Assim, convenhamos que a bordadura é, também uma peça. (figs. n.ºs 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238 e 239).

* * *

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matriculas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.

Pode um Livro

mudar nosso Destino

Juracy Magalhães S. Fernandes

Decididamente eu não estava preparado para aquêlê exame. Aliás, iria enfrentá-lo para não desgostar meu velho pai, que — diga-se de passagem — nem por um momento sequer deixava de confiar em mim a razão de ser do seu orgulho, seu único filho.

Não se cansava de elogiar para os amigos as minhas virtudes, invariavelmente afirmando: «Hoje é uma criança, amanhã será um homem. E um grande homem, vocês hão de ver.

A criança a quem o bom velho se referia cotava seus bem sazonados vinte e um anos e era por índole, extamente o tipo antagônico ao descrito por êle. Minha preocupação constante era a de viver sem muito esforço. Nisso meus ideais eram elevados. Nascera para ser filho de um potentado; vocação não faltava.

Entretanto, os olhos do pai não viam em seu filho o mandrião que era. E para que êle não o notasse eu cooperava fervorosamente, aparentando-lhe pautar da melhor maneira possível o meu comportamento. Sabendo que era do seu agrado, perto dêle eu só falava em moral e coisas correlatas, apoiando suas afirmações de que antigamente não ocorriam os reprováveis acontecimentos de nossa época. Aquêles, sim, é que eram bons tempos.

Aos domingos pela manhã, assiduamente, eu saía de casa com ares de beato para ir à igreja, o que envaidecia ainda mais o velho, pois via que ao lado de outras raras qualidades seu filho também possuía um profundo sentimento religioso. Lógicamente eu ia à missa para fletar com as garotas.

Quando apareceu o concurso para o preenchimento de vinte vagas numa das secções da Secretaria da Educação, papai divisou a oportunidade azada para eu arranjar um emprêgo que me garantisse o porvir. E de fato uma nomeação para tal tentava-me deveras, mas... o obstáculo era o concurso, do qual iria participar renhidamente quase

uma centena de candidatos. Certamente estavam todos preparados, o que não acontecia comigo. Há bom tempo não pegava em livro algum. E, cá para nós, confesso sinceramente: jamais tive inclinação para — «queimar pestanas» sobre livros. Não seria dessa vez que a tradição seria quebrada.

Em hipótese alguma papai deveria se aperceber disso.

O exame constaria de duas provas: uma, de Português e a outra, do intragável Latim.

Nos dias que antecederam a realização do primeiro exame, o de Português, tentei aprender alguma coisa, mas em vão. Bastava-me abrir o livro e começar a ler para que as letras se embaralhassem, como querendo fugir da página. Tentava mais uma vez e novamente enfrentava a obstinação das letras, que pareciam dansar sarcásticamente ante meus olhos. Teimoso, eu reencetava a luta até que, triunfante, conseguia ler um perfido qualquer. Lia-o mais uma vez e outra vez mais. Fechava o livro e mentalmente tentava repetir o que havia lido. Já não me lembrava; se lera sobre conjunções ou substantivos.

Dei-me por vencido mas, ainda assim, não poderia papai notar a derrota de seu dileto filho. Por mais de uma vez surpreendi-o o olhando-me embebecido. Meus olhos estavam pregados no livro. Meu pensamento é que estava longe. Em geral, povoado com o vulto das garotas da minha despreocupada existência. No lugar do livro, comumente se me afigurava o rostinho sempre alegre da irrequieta Lili, a me fitar com aquêles olhos travessos e zombeteiros. Ah! a Lili...

No dia do exame de Português, saí de casa sem saber nem sequer o nome do autor do livro que estivera em minhas mãos. O exame não me preocupava. Seria uma aventura qualquer, como as outras. Era idiotice fazer concurso para arranjar emprêgo.

Afortunadamente, sentei-me ao lado de um senhor com ares de mestre-escola, do qual, com rápidos e eficazes relances d'olhos transportei para minha prova sua vasta erudição.

Obtive uma das melhores notas. Quem exultou com o fato foi meu velho pai que não cabia em si de contentamento.

Exatamente uma semana se interpôs entre a primeira e a segunda prova. Agora seria o famigerado Latim. Para que no dia eu pudesse estar em condições, seria necessário que eu entrasse em contato com Cícero, Virgílio e outros circunspectos cidadãos latinos... se eu entendesse patavina daquilo que haviam escrito.

O processo empregado para ludibriar papai foi o mesmo: livro na mão o dia todo. As vèzes, êle me advertia bondosamente para que não me excedesse, aconselhando-me a descansar um pouco. Pudesse êle adivinhar meus pensamentos!...

No domingo vindouro seriam realizadas várias corridas no hipódromo e nelas minha atenção se prendia sistematicamente. Havia feito uma «fêzinha» e a expectativa me empolgava. Teria sorte desta vez? E se o cavalo em que eu havia apostado falhasse? Ao pensar nisso um vago sentimento de incerteza apoderava-se de mim. Mas não, isso era pessimismo bobo, pois estava seguindo os prognósticos do Juca, um cate-drático no assunto.

Essas divagações e outras mais bailavam em minha cabeça enquanto os dias se arrastavam lentamente. Meus olhos já haviam-se cansado de fitar o livro.

Afirmando que iria estudar, por vêzes eu me fechava só no quarto pedindo para não ser importunado. Uma vez lá dentro, colocava o livro em baixo do travesseiro e tirava uma gostosa soneca, finda a qual, quase sempre na hora do jantar, levantava-me com os olhos ainda vermelhos pelo sono e saía do quarto. Sempre com o livro na mão. Ao término de uma dessas manobras fui repreendido severamente por papai que me admoestou por estudar em demasia, observando para mamãe: «Veja só como estão os olhos do coitadinho, de tanto estudar. Isso acaba lhe fazendo mal».

Aq ver a ingenuidade de papai, por vêzes o remorso dava-me algumas alfinetadas. Esforçava-me então para ler alguma coisa do Latim, mas qual! só mesmo se fosse padre!

Apesar disso, na sexta-feira, véspera do esperado dia, num largo rasgo de desprendimento, tomei na mão uma seleta de latim e a abri ao acaso, numa pagina qualquer. Correspondente ao trecho latino, na outra página havia a respectiva tradução, linha por linha. Li e reli a tradução que estava ante meus olhos, não conseguindo, entretanto, fazer conexão com o trecho em latim, isto é, salvo algumas palavras cuja grafia era mais ou menos idêntica. Esforcei-me por gravar na memória o que havia lido, conseguindo decorar um bom período, após fabuloso esforço.

Esse ato de heroísmo extenuou-me mentalmente e então resolvi desistir do intuito de fazer o mesmo com o restante do livro. Também, pu-dera! ainda que dispusesse de um ano eu não seria capaz de realizar tati proeza. Antes de participar do concurso já me convecera da realidade: a reprovação seria inevitável. Agora estava ainda mais convencido.

Então para que perder tempo inútilmente! O insucesso seria justificado como um infortúnio, alegando eu que no exame caíra exatamente algo que por descuido deixara de estudar. Por certo papai compreenderia e não iria me negar o esforço devotado, o qual ele mesmo constatara.

No sábado, pela manhã, levantei-me alegre e disposto. Vesti-me rapidamente e durante o café ainda folheei apressado a seleta, à guisa de fazer uma revisão sumária daquilo que havia estudado. Recebi um ca-

rinhoso beijinho de mamãe e um confiante apêrto de mão de papai antes de me dirigir ao local em que a farsa seria efetivada.

Fazia uma bela manhã, plena de luz e vida. O soberbo rei do firmamento alçava-se preguiçoso por sobre os edificios fazendo dissipar as últimas emanações do vapor adormecido sobre as ruas. Uma agradável brisa brincava displicente com meus cabelos.

Mil pensamentos passaram-me pela cabeça. Imaginei a apreensão de que estaria possuído meu pai até que eu retornasse novamente para casa e a ansiedade com que estaria me esperando. Senti pena de sua credulidade. Dizem que às vezes o arrependimento é tardio. Creio que acontecia isso comigo. Senti-me digno de desprezo. Qual seria o mérito dessa comédia desempenhada por mim? Antes houvesse sido franco do que me portar tão abjetamente. Enfim, o ludibriado fôra eu mesmo. E logo quando me faltava pouco para conseguir o intento. Metade do caminho já havia sido percorrido. Desprezível e odiosa irresponsabilidade! Cacos de vidro fizeram-me doer a consciência.

Eu estava tomado por êsses pensamentos, quando, ao cruzar uma das ruas, avistei Lili. Com súbita eclosão de alegria por não a ver durante quase uma semana, chamei por ela. Eu sabia que ela era uma garota desmiolada e inconsciente mas, ainda assim, ou talvez por isso mesmo, é que eu gostava dela. Nossos temperamentos casavam-se perfeitamente.

De pronto esqueci-me de papai, do concurso, do meu futuro, da minha vida e de tudo o mais. O exame que fôsse às favas. O que eu não podia perder era aquela esplêndida manhã em companhia da Lili. O resto se ajustaria depois...

.....

Hoje, passados vários anos, vivo de expedientes. Numa expressão mais comum, sou um desocupado.

Um dia papai descobriu a verdade sobre o futuroso filho e então foi inflexível: expulsou-me de casa. Nesse dia vi duas lágrimas insinuarem-se em seus olhos, mas sua resolução era terminante. Sei que também seu coração despedaçava-se, mas a desilusão fôra-lhe por demais arrasadora.

Pobre pai! Agora arrependo-me amargamente de tudo. Quantos sonhos desfeitos! Quantas promissoras esperanças miseravelmente prostradas em terra! Por vezes, sinto ímpetos de bater novamente à sua porta e tentar reabilitar-lhe o filho indigno, mas a ignomínia fôra tão grande que eu não me sentiria suficientemente forte para fitá-lo face a face.

Nos últimos anos passei por uma grande metamorfose, amadureci bastante Mas, de que me vale êsse amadurecimento se o empreguei onde não devia?

Meu relógio nunca está sincronizado com o da sorte. Espero constantemente um amanhã que nunca chega. Pago o tributo dos êrros cometidos.

Os maus ensinamentos serviram-me de escola e hoje minha vida está restrita aos hipódromos, em cujo sub-mundo sórdido vou me tornando

cada vez mais arraigado, cada vez mais... Se quero trilhar outro caminho, sinto pesados os meus pés, atolados que estão na lama...

E pensar que esteve ao meu alcance um futuro honrado, como o desejava meu velho pai... O desespero sufoca-me e me faz tremer o corpo em convulsões; minha alma também chora.

Falam em Destino. Não creio na sua existência, pois, estou convicto, mais do que nunca, de que o homem é que o faz. Um simples livro pode mudar-lhe o curso e alterar completamente êsse nosso prosaico Destino. Um simples livro de Latim, como aquêlê que eu tive em minhas mãos.

Mas, se porventura existe o Destino, êle é assás caprichoso...

Como é que eu poderia prever que no exame de Latim fosse cair exatamente o trêcho que eu havia estudado?

SAUDAÇÃO AOS BOMBEIROS

Trabalho de Maria Ramiro, terceiro-anista do Grupo Escolar «Pe. Abílio Sponchiado», de Santa Maria — Rio Grande do Sul.

Na grandeza de seu trabalho, no destemor, na bravura e na coragem ante o perigo e o flagelo, na lealdade de seu caráter, na bondade de seu coração, eu considero o Bombeiro como um herói entre os heróis.

Na simplicidade de suas atitudes está oculto todo o rosário de lutas, sacrifícios e heroísmo. Servir, sempre servir. Salvar vidas e haveres. Cumprir um juramento, obedecer um mandamento! E' assim que te vejo neste momento, ó Heróico Soldado de Fogo, cumprindo êste juramento, obedecendo êste mandamento.

C incêndio irrompe devorador, gritos angustiosos, lágrimas, desespero. Ouve-se de repente as distâncias, o silvo lacrimoso de sirenes e a esperança que tem a forma de carros vermelhos que trazem em seu bojo homens audazes e destemidos, são os bombeiros, vem cumprir aquelas grandiosas palavras de seu lema "Salvar vidas e haveres".

Tudo é dor. Tudo é tristeza. Alguém abafando os soluços pede: "Salvem meu filho". E' uma mãe desesperada que chora implorando a Deus que o filhinho querido, preso naquele inferno de fogo seja salvo. Ninguém ousa enfrentar as chamas devastadoras. E' naquele momento que sentimos todo o valor, a coragem, o heroísmo e o dever do heróico soldado do fogo. Ele avança, um passo a mais e se some naquela gigantesca fogueira. O silêncio agora é quebrada apenas pelo crepitar das chamas. Alguém diz: êle não voltará, o fogo vencerá. Eis que surge das chamas um vulto que se torna grande ante os olhos de todos; traz nos braços uma criança, é o filho da senhora que há pouco chorava. A pobre mãe ergue os olhos aos Céus e diz "Bendito sejas Deus".

E: sentindo o heroísmo dêsse homem, dêsse destemido Bombeiro que, naquele momento esqueceu que alguém o choraria também, esqueceu a própria vida para salvar outra vida inocente, venceu o fogo devorador e trouxe com seu gesto valente, alegria a outros corações, eu apenas posso dizer: Salve Bombeiro de Santa Maria!

Salve Bombeiro do Rio Grande!

Salve Bombeiro do Brasil!

(Transcrito de "A Hora de Pôrto Alegre")



Poema de Mário da Mata Rezende

Um cântico na madrugada

No frio vento da clara madrugada
Senti de perto um perfume de mulher:
Eram saudades de ver a minha amada
E loucura de saber que ela me quer.

E nos meus passos, que eu dava ao caminhar,
Sentia medo e vontade de parar
Mas fui caminhando, no mundo em que vivo;
Áspera voz rouca sai do meu cantar!

Mas, enfim, cheguei ao tópo da jornada,
Sempre andando na fria madrugada,
Andando e sonhando, pensando em Anita,
Que brilha pra mim, na estrela da alvorada...

No mundo das letras

«Xavier Ferreira e Onofre Pires»

«Dois Vultos da História Gaúcha: XAVIER FERREIRA e ONOFRE PIRES» é um ensaio do prof. Valter Spalding, de Pôrto Alegre, de quem MILITIA publicará, no próximo número, um trabalho sôbre a Revolução Farroupilha.

Em sua obra, o prof. Spalding passa em revista a vida e o trabalho desenvolvido por aquêles dois homens — o primeiro, «português de nascimento mas brasileiro de coração», radicado na vila de Rio Grande, defensor dos interesses de sua província, como jornalista, vereador riograndino (1822), deputado à Assembléia Geral Legislativa (1826-29) e deputado e presidente da Assembléia Legislativa gaúcha (1834); o segundo, que deixou os pagos pelas incertezas da guerra, lutando na Cisplatina e, depois, entre os farroupilhas, onde pereceu, em incidente desagradável entre êle e Bento Gonçalves.

O autor demonstra as idéias liberais de Xavier Ferreira e o espírito aguerrido de Onofre, ambos figuras de destaque no Rio Grande revolucionário. Monstrou o papel desempenhado por Onofre Pires na luta de dez anos contra o poder central, até as intrigas que o levaram à morte.

É trabalho em que o leitor toma contato com um capítulo importante da história pátria. Desde antes da independência, a côrte de João VI oprimia a província sulina. Entretanto, os peões estavam habituados, à liberdade das coxilhas e com seu espírito de luta resistiam. Veio o primeiro reinado e a situação permaneceu a mesma. Durante as agitações do período regencial, nada se modificou. Teve início o segundo reinado e continuou a mesma política, originando-se daí a república de Piratini, de onde emergem os vultos de Canabarro e Bento Gonçalves. É naquele meio também que surgem os biografados. De maneira simples, o prof. Spalding apresenta-os ao público, demonstrando sua vinculação à vida riograndense e, por conseguinte, à história do Brasil.

«TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

Seis edições de «Tipos e Aspectos do Brasil» já vieram a lume. Obra do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, — Conselho Nacional de Geografia, com ilustrações de Percy Lau, vem sendo sucessivamente ampliada e sua última edição, de 1956, continua a ser procurada no Brasil inteiro.

Trata-se de uma coletânea de excertos da Revista Brasileira de Geografia, que mantém uma secção com o titulo do volume. As cinco regiões do Brasil são ali estudadas em numerosos de seus aspectos. Grande variedade de tipos brasileiros — do vaqueiro do Rio Branco ao gaucho, do boiadeiro e do garimpeiro do oeste ao jangadeiro do nordeste e ao nosso caiçara — todos são encontrados através das quatrocentas páginas daquela obra. Por meio delas, o leitor trava conhecimento com a selva amazônica e a feira do «ver-o-peso», as caatingas e usinas de caroá, os cacauais baianos, os cafêzais paulistas e os garimpos do centro-oeste.

As ilustrações e os nomes dos autores dos diversos trabalhos dispensam comentários. São êles os srs. Francisco Barbosa Leite, Dora do Amarante Romariz, Lindalvo Bezerra dos Santos, Eduardo Pessoa Câmara, Eloísa de Carvalho, Lúcio de Castro Soares, Elza Coelho de Souza, Virgílio Corrêa Filho, José Veríssimo da Costa Pereira, João Milanez da Cunha Lima, Regina Pinheiro Guimarães Espindola Schaeffer, Rosalva Florentino de Souza, Sílvio Fróis Abreu, Fábio de Macedo Soares Guimarães, Carlos Pedrosa, Léia Quintière, Maria Fagundes de Souza Doca, Ney Strauch e Nelson Werneck Sodré.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

IMPRESA POLICIAL, n.º 313 — órgão bimestral de assuntos policiais, editado nesta capital. Apresenta comentários, notícias e reportagens sobre assuntos relacionados com policia administrativa, policia técnico-científica, direito penal, criminologia e criminalística, organização penitenciária, literatura especializada etc.. O diretor responsável é o sr. Rinaldo da Silva, sendo redator chefe o sr. Alvaro Corrêa Campos e chefe de reportagem o sr. Everardo R. de Almeida Prado.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE MEDICINA NAVAL, da Diretoria de Saúde da Marinha, número de janeiro a março do corrente ano — órgão editado no Rio de Janeiro. Traz uma série de estudos sobre variados assuntos relacionados com a ciência médica, entre os quais «As-

pectos da História Médica Através de uma Biografia», tese em que o vice-almirante Mário Ferreira França passa em revista a vida do médico Antônio Ferreira França Filho; «Plano Geral de Organização do Serviço de Pessoal para um Hospital», do médico Maury Pinto de Oliveira; «Contribuição à Teoria dos Resultados Terapêuticos da Pscanálise», dos médicos James Strachey e Júlio G. Santos, além de outros trabalhos de interesse geral e noticiário. A revista é dirigida pelo vice-almirante médico Valdir Caldas Pires e tem como redator chefe o cap. de fragata médico Armando da Silva Rebelo e como secretário o cap. ten. médico Fernando Barreira.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA, da Secretaria do Ministério da Guerra, primeiro semestre do ano

em curso — publicação de assuntos militares e brasileiros em geral. O último número estampa os seguintes trabalhos: «História da História do Barão de Sêro Largo», do gen. F. de Pauça Cidade; «Mal. Feliciano Mendes de Moraes», do gen. De Paranhos Antunes; «Batalha do Avaí — 11-XII.1 869» do gen. Airton Franco Ferreira; «Bilac, o Exército e a Pátria», do gen. José Venturelli Sobrinho; «Os Monumentos Nacionais — Paraná» (2.ª parte), do gen. João Batista de Matos. É diretor responsável o gen. João Batista de Matos; subdiretor o cel. Firmino Lages Castelo Branco e secretário o ten. cel. Roberto Sattamini Ferreira.

A DEFESA NACIONAL, n.º 538, de maio último, revista de assuntos militares e estudos brasileiros — editada na capital da República, contém numerosos trabalhos de valor. Além de assuntos puramente militares, apresenta estudos de interesse geral, seja sobre satélites artificiais e foguetes modernos, seja sobre a doutrina militar brasileira.

Na parte de cultura geral e geopolítica, aparecem ensaios sobre economia brasileira, história e assuntos de destaque no panorama internacional da atualidade. Questões referentes a petróleo, indústria básica, relações internacionais e unidade nacional são ali analisadas cuidadosamente. É a seguinte a diretoria da revista: presidente — gen. João Baptista de Matos; diretor-secretário — cel. Airton Salgueiro de Freitas; diretor-gerente — ten. cel. João Capistrano Martins Ribeiro.

AÇÃO DEMOCRÁTICA, boletim mensal do Instituto Brasileiro de Ação Democrática — órgão de orientação política, em que se combate a encampação de empresa estrangeira e se debatem relações exteriores, o contraste entre os mundos socialista e capitalista, nacionalismo, o capital na «livre empresa», imperialismo etc.. Editado no Rio de Janeiro, para distribuição gratuita, aquele órgão tem como diretor responsável o sr. Sérgio Macedo. É o primeiro número, surgido em junho do corrente ano.



SAUDAÇÃO à IMPRENSA

— DISCURSO DO CORONEL JACQUES JUNIOR —

Associando-se às homenagens prestadas à P.M. do Distrito Federal, por ocasião de seu séssuicentenário, MILITIA tem a satisfação de cumprimentar os milicianos da co-irmã carioca e transcrever, na íntegra, discurso proferido pelo comandante geral daquela corporação. S. exa., brilhante oficiais de nosso Exército, homenageou, na oportunidade, a imprensa brasileira. Este órgão, que representa a imprensa policial militar, agradece as palavras do cel. Jacques Junior.

Enseja esta homenagem, aos dignos representantes da imprensa brasileira um acontecimento realmente marcante nos fastos de nossa Administração Pública — o transcurso do séssuicentenário de fundação da Polícia Militar do Distrito Federal, também a mais antiga milícia do Brasil.

Nestes cento e cinquenta anos de existência, muito evoluiu e muito serviço prestou à coletividade brasileira. Viu esta cidade pequena e com ela subiu e desceu morros, povoou ermos, trouxe ruas e embelezou praias, sempre unidas, inseparáveis, numa paródia muito a propósito de "Cosme e Damião".

Mercê de Deus teve sempre a seu favor o poder público, a compreensão dos homens de bem e a conceituação dos senhores, o que, de modo especial muito a honra e desvanece, porque a IMPRENSA, irreverente como a verdade, é a força, por excelência de nossa época, pois destroça rumos, agita povos, cria-os, mantém-nos, derruba-os, ou os eleva, numa ação tenaz, às vezes sutil e agradável como um sonho, às vezes violenta e ruidosa como a tempestade.

A magnitude de seu designio, no plano universal, parece algo superior à percepção de nossa inteligência.

De seu advento aos nossos dias a sua história é o próprio registro dos fatos da humanidade na transcendente bus-

ca de aproximação dos povos e compreensão entre os homens.

Censurada e perseguida muitas vezes e, muitas vezes, parecendo fugir à finalidade de mentora da evolução humana, no entanto jamais deixou de ser ela própria fiel a seu destino, obstinada na colimação, a todo preço, de seus altos fins.

Senhores, não laboro em erro nestas premissas. Nem se infra delas a provação incondicional de minha parte, a atitudes, conceitos e comentários da imprensa cotidiana. Acho-a mesmo — e quantas vezes — carecendo de mais compreensão e discernimento no trato de problemas que afligem a realidade brasileira.

Mas compreendendo, de um lado, a heterogeneidade do homem, no sentir, alcançar, julgar e dizer e, de outro, o que demanda, em trabalho e conhecimento, a perfeição da obra humana, jamais lhe faltarei com meu modesto apoio, mesmo porque, na sabedoria popular, contra a força não há resistência. E a IMPRENSA, meus senhores, escrita, falada ou projetada, é um dos mais poderosos instrumentos de ação conferidos por Deus ao gênero humano.

Esta Polícia, que sempre recebeu dos homens de imprensa, através dos anos, a mais lisonjeira conceituação, sente-se imensamente satisfeita em lhes poder tributar, nesta modesta homenagem, o seu reconhecimento."

[Discurso Proferido Pelo Major

Luis de Siqueira, em 8-5-59]

CO-IRMÃ CARIOCA: 150 ANOS DE LUTA

Falar da história da Polícia Militar é lembrar um longo desfilar de fatos memoráveis a que ligou imperecivelmente o seu nome. Tem ela o galardão de ser a primeira polícia ostensiva criada no Brasil, moldada naquela que então existia em Lisboa. Quando João VI, tangido pelas hostes de Junot, aportou ao Rio de Janeiro, além da abertura dos portos ao comércio estrangeiro, fato que devemos festejar como o limiar da nossa emancipação econômica e, porque não dizer, da nossa independência política, tomou outras providências em benefício da defesa do país e da cultura científica e artística da pátria brasileira.

POLÍCIA CIVIL

Na sistemática do nosso Estado do Brasil, todavia, não poderia deixar de ser considerada a necessidade de um órgão capaz de assegurar o pleno exercício dos poderes governamentais e de garantir a vida e os bens dos cidadãos. Daí surgiu a Polícia Civil, organizada e dirigida por aquele brasileiro extraordinário que foi PAULO FERNANDES VIANA, o qual enfeixou em suas mãos as atribuições de chefe de Polícia, prefeito e magistrado.

GUARDA REAL (P.M.)

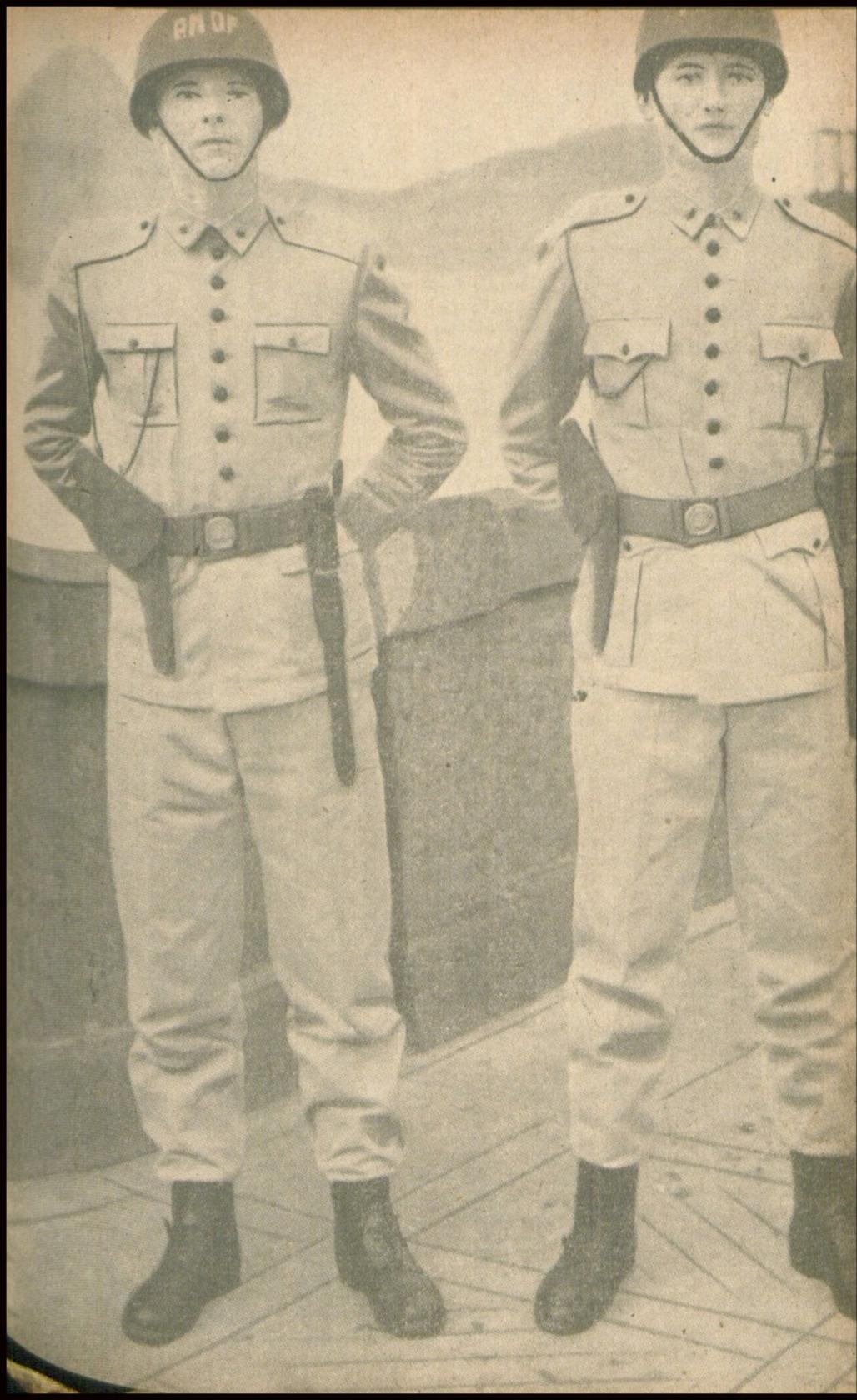
Seria fastidioso enumerar a série inestimável de serviços prestados por Paulo Viana à cidade e à população da cidade de Estácio de Sá. Estabelecida a administração, restava ainda cuidar da

criação de uma Força encarregada da vigilância, a fim de impôr a ordem e o respeito nos becos e vielas da ainda mal delineada capital do Estado do Brasil. Ainda por inspiração de Paulo Viana, foi por d. João VI baixado o decreto de 13 de maio de 1809, criando a Divisão Militar da Guarda Real da Polícia, embrião do qual derivou a atual Polícia Militar. Dinâmico, justo e empreendedor, desdobrou-se não só no saneamento, iluminação e abastecimento d'água, como se desvelou na manutenção da Guarda Real. O nome de Paulo Viana, Conselheiro e Desembargador do Paço, pode, com inteira justiça e sem favor, figurar no mesmo plano dos grandes beneméritos da cidade, ombreado com Paulo de Frontim, Pereira Passos e Osvaldo Cruz.

Mas o 1.º intendente geral da Polícia podia se dedicar aos demais problemas da metrópole brasileira, sem se preocupar especialmente com o policiamento, porque este estava bem entregue ao major de Milícia, Miguel Nunes Vidigal — o famoso VIDIGAL, cantado em prosa e verso pela pena irreverente da lenda e da fantasia, como alguém já disse.

PERÍODO REGENCIAL

Retornando o príncipe bragantino à corte, veio o agitado período da Regência, envolvendo a Guarda Real nos pronunciamentos da tropa de linha. Eram os prenúncios da alma nacional a se agitar. Diogo Feijó, assumindo o Ministério



da Justiça, dissilveu-a, para logo em seguida reorganizar a força pública sob nova forma e denominação.

Muitos episódios históricos destacam a Polícia Militar como tropa de combate, ora na guerra externa, ora sufocando ou ajudando a sufocar revoltas, revoluções ou motins. Os nomes de MACHADO DA COSTA e ASSUNÇÃO, bem simbolizam a missão que a ela cabe eventualmente como força auxiliar do Exército.

COSME E DAMIAO

Mas, senhor comandante e meus senhores, a missão principal, como o seu próprio nome indica, a tarefa mais elevada ela não pratica nos campos de batalha, nas duras refregas dos choques armadas, e sim no tempo de paz, na proteção dos fracos e das senhoras, na atenção para os velhos e crianças, na prevenção dos crimes e contravenções, na regularização do trânsito, na guarda dos bens, na tranquilidade das famílias, na defesa da vida do cidadão, em suma. É assegurando o livre exercício das franquias constitucionais que a polícia cumpre o seu dever primordial. Esta a maior glória da Polícia Militar, estes os seus louros e a razão de ser da sua existência. Quem foi que recentemente reabilitou o prestígio da Polícia Militar, senão essa modesta dupla que o povo carinhosamente chama de COSME e DAMIAO?

Com o advento da Intendência Geral da Polícia em 1808 e da Divisão Militar da Guarda Real da Polícia um ano depois, lançou o Brasil as bases de uma só organização policial, não apenas para sua capital, mas para todo o território nacional, bipartida inteligentemente em um órgão de direção e outro de execução. A criação da Chefia de Polícia, em 1832, fez, contudo, desaparecer o caráter centralizador que exprimia a I.G.P., surgindo nas províncias entidades congêneres às da capital. Mas, até 1904, era a Polícia Militar a única corporação a fazer o policiamento do R. de Janeiro. Entretanto, as autoridades entenderam que o polícia civil seria mais adequado no trato com o público, e por isso implantaram na capital da República a primei-

ra corporação civil, embora em última análise a sua instalação, instrução e direção, de início e por muito tempo, coubessem a oficial da Polícia Militar. Foram seus primeiros diretores o cel. Antônio Joaquim Vieira, majores Dormevil da Silva Porto, Carlos Alberto da Cunha e outros.

SOLDADO E POLICIAL

Aqui me permito ponderar que a razão não estava com os que julgavam o soldado incompatível com o policial. Ambos se podem entrosar e harmonisar, fundindo-se num só indivíduo dentro das normas do dever funcional e da disciplina militar.

A milícia que até então vinha desempenhando a contento as suas funções, poderia ter sido ampliada e aperfeiçoada para felhor se desincumbir da sua nobre tarefa, tal como acontece com os gendarmes franceses e os carabineiros italianos, para só citar as mais antigas forças policiais de caráter militar do mundo civilizado. Desgraçadamente, a nossa gente não é tradicionalista nem conservadora, e por isso mesmo foram aparecendo, como cogumelos, as mais diversas corporações, todas absolutamente estantiquês e, o que é pior, sem unidade de direção, de instrução e de responsabilidade.

PRIMAZIA DA P.M.

Venho, senhor comandante, como uma homenagem a esta data histórica, ressaltar e proclamar que, por seus serviços e par *droit de conquête*, cabe à Polícia Militar do Distrito Federal a primazia na organização de todos os melhoramentos introduzidos no polícia brasileira. Foi ela a primeira a criar escola de preparação do policial, a adotar guias de ruas e manuais de instrução profissional a partir de 1904, ano que marca a primeira estaca da abertura de uma nova e larga estrada por onde iria palmilhar. Nessa ansia de evolução e de integração da Polícia Militar na sua verdadeira senda de trabalho, é justo destacar os nomes dos comandante gerais gens. SIQUEIRA DE MENEZES, SOUZA AGUIAR, TAUMATURGO DE AZEVEDO e JOSÉ DA SILVA PESSOA, assim como os

daqueles oficiais da corporação que, como estudiosos do assunto, legaram a nós outros melhores trabalhos escritos sobre policia de rua: céis. GUSTAVO MONCORVO BANDEIRA DE MELO, CARLOS DA SILVA REIS, maj. JOAO BERNARDINO DA CRUZ SOBRINHO, cap. ALBINO MONTEIRO e 1.º ten. LUIZ ARMANDO LOPES RIBEIRO. É relevante frizar que a Bandeira de Melo e Carlos Reis, quando em comissão na Polícia Civil, ali introduziram novos métodos de investigação criminal, calcados nos ensinamentos das escolas de policia de Lyon e de Lausanne. Foi, finalmente, a Polícia Militar a precursora da Rádio-Patru-

lha, criando em 1905 o Serviço de Caixa de Avisos Policiais, com instalações telefônicas próprias e sinalização Morse, completando por outro de Socorros Policiais e Incêndio, cuja presteza era tal que habitualmente chegava ao local do sinistro antes do Corpo de Bombeiros.

Senhor comandante. Por todos êsses títulos altamente honrosos e dignificantes, venho render minhas homenagens a todos aquêles que deram as suas melhores energias pela grandeza desta corporação e saudar com ufania a todos os seus componentes na pessoa de V. Excia. Viva a Polícia Militar! Viva a dupla COSME e DAMIAO!



CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS

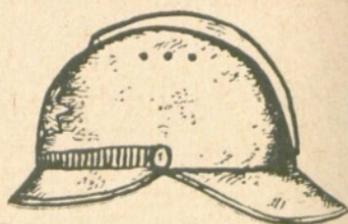


É UM DEVER DE PATRIOTISMO.

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA
NOSSA PRODUÇÃO

O BOMBEIRO DO ANO



Símbolo vivo de trabalho e abnegação

JOSÉ Raimundo Neto é o bombeiro do ano. Antigo sargento, que há 22 anos luta entre os soldados do fogo, obteve agora a láurea conferida anualmente ao bombeiro que mais se destaca em suas atividades profissionais. Já bastante conhecido, é avesso à publicidade. Competente, intrépido e abnegado, é modesto e mostrou-se surpreso por ser êle o escolhido. Seus companheiros, porém, comprovam os serviços prestados.

VIDA DE SACRIFÍCIOS

Seus assentamentos atestam uma vida inteira de sacrifícios em prol da população. Especialista em salvamentos aquáticos e terrestres, muitas vidas foram salvas por êle. Seu prêmio é o reconhecimento público e a satisfação do dever sempre cumprido.

Os heróis do fogo não combatem somente as chamas. Ao contrário, a missão mais espinhosa não é talvez a luta contra incêndios. Há naquela corporação um punhado de homens que trabalham anônima e ininterruptamente em serviços diferentes e altamente trabalhosos: são os bombeiros especializados em salvamentos. Lançam-se às águas para evitar a morte do próximo e, não raro, é o bombeiro quem morre. Retiram pessoas do fundo de poços, libertam os que ficam presos em elevadores, enfrentam a fúria de animais aprisionados que devem salvar, respiram gases venenosos. Nos desastres, enchentes e calamidades públicas, fazem frente a tôda sorte de perigos, para salvar vidas e propriedades alheias. Trabalham com cadáveres decompostos, pessoas com doenças infecto-contagiosas e sujeitam-se a tudo, sem ter mais vantagens que os outros milicianos. O nosso bombeiro do ano é um daqueles heróis obscuros.

• PARA ORIENTAR BOMBEIROS PROFISSIONAIS
NOS SERVIÇOS DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS

• PARA ORIENTAR INDUSTRIAIS E COMERCIANTES
NA FORMAÇÃO DE EQUIPES DE COMBATE A INCÊNDIOS

≡ MANUAL ≡
DE PREVENÇÃO E COMBATE
≡ DE INCÊNDIO ≡

— DO 1.º TEN. ORLANDO SECCO —

ÚNICA OBRA EM PORTUGUÊS PARA OS MISTERES ACIMA

PEDIDOS AO AUTOR - QUARTEL GENERAL DA FÓRÇA PÚBLICA
PRAÇA FERNANDO PRESTES, 115 -- S. PAULO

Aproxima-se agora o fim de sua carreira. Será um alívio, mas o velho bombeiro encara o descanso a que faz jus, com certa apreensão. Habituaado a serviços árduos e constantes, sentir-se-á, talvez, na posição de quem transportou um fardo por muito tempo e, deixando-o de lado, fica numa situação incômoda, sofrendo a falta do pêso sôbre os ombros.

José Raimundo Neto é homem de ação. Não se deixa dominar pelo ócio e pensa em exercer alguma atividade quando passar para a reserva. Não sabe como se sentirá, longe de seus velhos companheiros. Mas lamenta não poder permanecer entre os que mourejam no Corpo de Bombeiros. Como está para atingir a idade limite, o descanso lhe é imposto por lei. Mas êle pretende radicar-se no interior do Estado, onde residem seus familiares, e lá dedicar-se à lavoura. Homem de combate incessante em defesa da população, deverá mudar de vida e começa a sentir atração pelo trabalho saudável da terra.

Assim, encerra-se a carreira de um homem que veio há muitos anos do nodeste e até hoje lutou para garantir a vida e a propriedade de inúmeros paulistas salvos por êle. Por tôdas as suas qualidades, sempre soube fazer-se estimar por seus camaradas. De bom humor permanente, aceita com esportividade o cognome «Stalin», pelo qual o conhecem, em virtude dos bigodes que usa. Ao velho «Stalin», portanto, os cumprimentos de MILITIA.

A FÔRÇA PÚBLICA NO COMBATE AO MAL DE CHAGAS

=====
CAP. SÉRGIO VILELA MONTEIRO
=====

A Fôrça Pública, desde a época de sua criação, em 1831, vem acompanhando o progresso do Estado de São Paulo, com uma participação ativa no sentido de garantir o seu desenvolvimento sócio-econômico e cultural. Sua estrutura policial-militar, firmada em sólidos princípios de disciplina e elevado senso do dever, têm sido fator de segurança, não só em nosso Estado, como também nos demais, nas vêzes em que foi mobilizada. No brazão simbólico da milícia paulista estão incrustadas 16 estrêlas significativas das grandes datas em que a Fôrça Pública interveio com sacrificio de muitas vidas, para que equilibrasse novamente a ordem traumatizada.

No sertão hostil, cheio de feras, doenças estranhas, ou o gentio agressivo dos fins do século passado, nossos homens empunharam pás, picaretas e martelos, na faina de ajudar a construir vilas e povoados. A história tem registrado as inúmeras vêzes em que modestos soldados do Corpo de Policiais Permanentes (nome antigo da Fôrça Pública) trocaram os fuzis pelas ferramentas para ajudar a construir cidades que hoje honram o território paulista.

Em tempos mais próximos, a milícia procurou contribuir para o aprimoramento cultural. Dessa época, permaneceram indelêveis entre nós, os traços

culturais legados pela Missão Francesa e tão bem conservados pela Fôrça Pública. Dos velhos quartéis da Luz saíram os primeiros instrutores de educação física, os mestres de esgrima, os mestres de bandas de música os azes do hipismo e tantos outros.

Mas não ficou aí somente o trabalho da exemplar corporação! foi mais além. Onde quer que haja, em nosso grande Estado, uma cidade, vila ou lugarejo, aí estará o miliciano da Fôrça Pública envergando a farda gloriosa que vem representando a lei, a Justiça e a disciplina, nesses 127 anos de trabalhos vigilantes.

Muitas vêzes as armas do bom combate têm sido, para a Fôrça Pública, bem diferentes e o inimigo muito diverso.

Há poucos anos lutaram nossos soldados contra terríveis nuvens de gafanhotos que invadiram os sertões paulistas através da alta Sorocabana.

Inúmeras foram as missões de salvamento por ocasião de calamidades públicas, como inundações, incêndios e desabamentos. Mais recentes foram os combates contra o cancro Citrico, o mal de Chagas e os desabamentos de Santos.

Hoje falaremos sobre o "Mal de Chagas".

Na luta contra as endemias rurais, a estirpação daquilo que Carlos Chagas

chamou "Tripanosomose Americana", constituiu ponto de honra para os cientistas de São Paulo. E a vitória foi obtida, graças principalmente aos seguintes fatores:

1 — Criação pelo govêrno do Estado da Comissão Especial de Combate à Molestia de Chagas (DECRETO n.º 30.789, de 30-I-1958), constituída de pessoal das diversas Secretarias de Estado, de oficiais e praças da Fôrça Pública, além de elementos das Prefeituras das zonas rurais.

2 — Treinamento aprimorado do pessoal o que conduziu a um perfeito trabalho de equipe.

3 — Conhecimento minucioso da zona rural pelos soldados que foram selecionados nas próprias regiões mais infestadas.

4 — Colaboração dos civis das Prefeituras e fazendas, que sem ônus para o Estado, integraram as equipes, permitindo com um efetivo de 80 milicianos apenas, terem-se 560 homens em ação, todos chefiados por oficiais e sob o comando de um coronel da Fôrça Pública.

5 — Colaboração do professorado primário e secundário, da imprensa falada e escrita, das autoridades municipais, das Associações Rurais, dos "Rotary" e "Lions Clube", dos fazendeiros, dos órgãos da Secretaria da Saúde e da Liga Brasileira contra a Moléstia de Chagas.

A seleção e o treinamento do pessoal da Fôrça Pública que integrou o Agrupamento, constituíram o ponto alto da campanha. O programa compreendeu inicialmente aulas práticas e teóricas sobre desinsetização, manuseio

de aparelhos, conhecimento perfeito de modernos inseticidas e amplo conhecimento da região, "modus vivendi" e "habitat" do terrível "barbeiro" (pição bicudo ou chupança) que é o hospedeiro do "trypanosoma cruzi".

Foi cumprido igualmente um plano de visita às fábricas de aparelhos pulverizadores, ao Instituto Biológico, a um laboratório de S. José do Rio Preto (especializado na reação de Machado Guerreiro) e aos Laboratórios Regionais do Instituto "Adolfo Lutz". Houve ainda, posteriormente, contatos com a Faculdade de Medicina Veterinária, Faculdade de Higiene e Saúde Pública, Serviço Especial de Saúde de Araraquara, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" de Piracicaba, . . . Uma vez preparados para o combate, em condições de manusear o material, e sendo capazes de reconhecer facilmente o inimigo, iniciaram o ataque que compreendeu:

1 — Serviço de desinsetização pelas equipes mistas que, em grupos de 30 homens, foram chefiados por jovens tenentes.

2 — Serviço de queima e barreamento manual de casas de pau a pique.

3 — Educação sanitária, compreendendo:

a) — palestras em cinemas e grandes auditórios, com irradiação para a zona rural;

b) — distribuição de cartilhas e cartazes;

c) — mostruários de "barbeiros" vivos e mortos;



Componentes do Agrupamento, vendo-se ao centro o seu comandante

d) — exibição de filmes sôbre a doença e sua profilaxia;

e) — divulgação pelos jornais e estações de rádio;

4 — Fundação de Ligas Regionais e Municipais no Interior do Estado e da "Associação Carlos Chagas", na capital.

O que foi a luta durante o período compreendido entre 30-I-1958 e 26-I-1959, os números dirão por si:—

1) — Prédios desinsetizados:

a) — Região de Votuporanga 67.492

b) — Região de Ribeirão Preto .. 78.901

c) — Região de, Catanduva 21.494

d) — Região de Araçatuba .. 1.337

TOTAL 169.224

2) — Inseticida gasto:— BHC a 12% molhável — 144.325 KG.

3) — Baixas:—

a) — soldados hospitalizados devido ao intenso trabalho com BHC — 15

b) — soldados contaminados com o mal de Chagas — 1.

Além disso foram feitos barreamentos e queimas de casas de pau a pique, preparo de equipes nas Prefeituras e fazendas e educação sanitária em 113 municípios paulistas. Foram fundadas em Sorocaba, Presidente Prudente, Araçatuba, Marília e Piracicaba as Ligas Regionais de profilaxia da Moléstia.

Houve também ligações com autoridades médicas e fazendeiros de Minas Gerais, em Fronteiro, Uberaba, Peixoto, Santo Tomaz de Aquino e S. Sebastião do Paraíso e, no Paraná, em Londrina e Maringá.

A Força Pública lançou nessa luta 1 (um) tenente-coronel, 1 (um) capitão, 1 (um) 1.º tenente, 1 (um) 2.º tenente, 6 (seis) aspirantes, 5 (cinco) sargentos, 5 (cinco) cabos e 74 (setenta e quatro) soldados.

Assim, disciplinadamente, com o espírito voltado para a saúde do homem do campo, onde, no pau à pique, proliferava o "barbeiro" e a doença de Chagas, o Agrupamento cumpriu integralmente a nobre missão, sob o comando do cel. Paulo de Andrade Corrêa, com a cooperação das entidades citadas e

do major da Reserva da Força Pública, livre docente Luiz Carlos da Fonseca.

O resultado, muito embora tenha havido sacrifícios e baixas, bem como inúmeros percalços, compensou largamente, e os louros da vitória obtida puderam ser divididos, cabendo, mais uma vez à Força Pública a consciência de não ter faltado a São Paulo, à nossa terra e à nossa gente, num setor que não é o seu específico, mas que é, também, pela sua vocação de servir sempre ao povo paulista.

Obs. O autor redigiu esse artigo graças ao excelente relatório apresentado pelo cel. Paulo de Andrade Corrêa.



JOVEM!

VOCÊ QUE PRETENDE SER OFICIAL
— DA FÔRÇA PÚBLICA —

INICIE DESDE JÁ SEUS ESTUDOS — MATRICULE-SE NO

CURSO MILITIA

Patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão
ao Curso Pré-Militar apresentou
maior índice de aprovação

Número de vagas limitado a 25 em
cada classe, para melhor
aproveitamento dos alunos

Informações · Telefones 32-2884 e 7-5011

Major Olimpio de O. Pimentel
escreve:

Fala um mestre

Empolga, toma vulto, estende-se pelo Brasil inteiro, a tese sustentada pelo historiógrafo prof. Tito Lívio Ferreira, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: — "BRASIL NÃO FOI COLÔNIA". O eminente mestre, escudado numa farta e comprobatória documentação, fruto de longa e exaustiva pesquisa, corporifica o seu axioma com as manifestações de aplausos, oriundas de vários pontos do país e subscritas por insígnies estudiosos da nossa história. Tito Lívio Ferreira, na separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, diz: "Habitado a ouvir desde a escola primária, que o Brasil foi colônia de Portugal de 1500 a 1822, custava-me dizer o contrário, de tal forma a idéia lançara raízes em meu conhecimento. No entanto, o primeiro a chamar a minha atenção para esse erro dos historiadores foi o prof. Arlindo Veiga dos Santos, catedrático de História da Civilização Brasileira, da Faculdade de Filosofia de São Bento, quando a meu convite, em fins de 1954, no Curso de História de São Paulo, sob o patrocínio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e sob a minha direção, proferiu a sua aula: "Brasil, Província del Rei". Reivindico para o meu ilustre colega da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo o pensamento expresso no título da sua lição a sugerir uma revisão histórica". "Alea jacta est".

Dêsse momento em diante o notável historiador persuadiu-se da impropriedade do termo colônia, passando a designar

Província de Santa Cruz, Estado do Império de Portugal, ou simplesmente Estado do Brasil. E prossegue: "Os portugueses de Portugal eram povoadores do Brasil lusitano, vinham povoá-lo e não colonizá-lo porque o Brasil não era uma colônia. Todos os documentos, sem exceção, empregam o verbo povoar e o substantivo **povoador**, ou **morador da terra**".

Convincente é o raiar da nova aceção sobre a qual assim se manifestou o consagrado poeta Jamil Almansur Haddad em sua coluna "Paisagem e Memória": "O sr. Tito Lívio Ferreira é o autor de excelente monografia procurando refutar a tese tradicional de que tivéssemos sido colônial de Portugal e aponta como um dos precursores mais atuantes de suas idéias o sr. Arlindo Veiga dos Santos. Esse tipo de cogitação traz-me à memória Ricardo Levene, autor de um livro para nos convencer de que as índias (América Espanhola) não eram colônia. O sr. Tito Lívio Ferreira coloca-se, portanto, na situação de arauto da comunidade luso-brasileira, idéia que cada vez mais vai encontrando mais ampla aceitação. Aceita-a Gilberto Freire... Aceita-a também Salazar... Antes dos historiadores, sociólogos e estadistas, porém os poetas já haviam falado mais ou menos nesse sentido. É o caso de Guerra Junqueiro saudando de uma feita, em Lisboa, Olavo Bilac. Esta página extraímos-la de jornal antigo: "O Brasil não chegou a ser colônia. Foi logo nação, foi logo pátria: a nova pátria portuguesa, com novos heróis e descobridores, com no-

vos santos e novos orfeus, novas enxadas e novas liras". O Brasil em 1645 ergue-se grande como Portugal em 1640, e...". Esse depoimento do poeta, escritor e jornalista Jamil Almansur Haddad traduz irrefutável contribuição ao conceito esposado pelo autor de "História e Lenda", preconizando-lhe continuar a caminhada que se propôs, após infatigável busca, o que lhe valeu a meritória convicção de que o Brasil não foi colônia de Portugal.

O prof. Tito Lívio Ferreira, em recente publicação sobre história dos grandes descobridores marítimos, apresenta um estudo cronológico, a partir do século XV, quando os lusitanos iniciaram as descobertas por "mares nunca dantes navegados", o qual vale a pena transcrever: 1415 — Conquista de Ceuta, na África. Fundação da Escola de Sagres, pelo Infante d. Henrique, o Sábio. 1413 — Ocupação e povoamento da ilha de Porto Santo, por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira. 1419 — Posse e povoamento da ilha da Madeira por João Gonçalves Zarco. 1420 — Conquista e ocupação dos Açores. 1434 — Gil Eanes, mandado pelo Infante d. Henrique, dobra o cabo Bojador, limite do mundo conhecido até essa data. 1435 — Afonso Baidáia descobre o rio do Ouro. 1437 — Expedição a Tanger, sem resultado. 1441 — Nuno Tristão descobre o cabo Branco e Senegâmbia. 1443 — Os portugueses ocupam a ilha de Arguim, na costa africana. 1445 — Diniz Gomes e Diogo Gomes descobrem e ocupam o cabo Verde. 1447 — Os portugueses reconhecem a Serra Leoa. 1449 — Fernão Gomes ocupa a Costa da Mina, na África. 1450 — João de Santarém e Pero de Escobar ocupam as ilhas do Ano Bom, Príncipe e São Tomé, em pleno Atlântico. 1452 — Diogo de Paiva chega à Terra Nova, no Atlântico-Oeste. 1460 — Morte do Infante d. Henrique, o Sábio, mestre da Ordem de Cristo reformador da Universidade e autor da obra "Secreto de los secretos de Astrologia". 1471 — O piloto Estevão Gomes atravessa o Equador e reconhece as estrelas do Cruzeiro do Sul; é o primeiro europeu a cruzar essa linha. 1472 — João

de Corte-Real vai à Groenlândia e depois ao Canadá, em busca da passagem pelo noroeste para a Ásia. 1482 — Diogo Cão descobre o Zaire e o Congo, na África. 1485 — Mestre José Vizinho, cosmógrafo mandado pelo rei D. João XI de Portugal, determina as latitudes geográficas do golfo de Guiné pela altura do sul, escreve Cristovão Colombo, seu companheiro, também a serviço da coroa portuguesa. 1486 — João Afonso de Aveiros descobre o Zaire e o Congo, na África. 1487 — Bartolomeu Dias dobra o cabo da Boa Esperança, batizado com esse mandado pelo rei D. João II de Portugal, determinando a passagem do nordeste, atingindo Nova Zembla, ao norte da Sibéria. 1488 — D. João de Portugal, grande incentivador das navegações, manda Pero da Covilhã e Afonso de Paiva a Calecut, na Ásia, pelo Cairo e em navios árabes, porque o primeiro falava árabe como se fosse a língua materna. 1488 — Corte-Real vai dos Açores à Terra do Bacalhau, no Atlântico-Norte. 1490 — Os portugueses constroem o castelo de Fernão-buc (Pernambuco). 1491 — Martim Homem descobre a Terra Nova. 1492 — Pedro de Barcelos e João Fernandes Labrador descobre a Terra do Labrador no Atlântico-Oeste. 1492 — Cristovão Colombo — agora a serviço do rei de Castela, enquanto os portugueses devassam o Atlântico-Norte e o Atlântico-Sul, desde 1415 — atravessa o Atlântico-central e descobre a América do Norte. 1494 — D. João II de Portugal, pelo tratado de Tordesilhas, feito entre as coroas de Portugal e Castela, procura garantir as terras descobertas pelos seus navios, em quase oitenta anos de navegação atlântica, e incorpora ao Império lusitano a futura Terra de St.ª Cruz, hoje Brasil; assina como testemunha desse documento, o cosmógrafo luso Duarte Pacheco Pereira. 1497 — Vasco da Gama conclui o descobrimento do caminho marítimo da Índia, indo a Calecut, na Ásia. 1498 — Duarte Pacheco Pereira vem reconhecer e localizar geograficamente a futura Terra de Santa Cruz, por ordem



Depois dos folgedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

de d. Manuel I de Portugal, e escreve a narrativa dessa viagem na sua obra "Esmeraldo de situ Orbis". 1499 — Mandados pelo rei de Castela, Vicente Ianez Pinzon e outros navegantes espanhóis vêm reconhecer os limites das terras de Espanha, dentro da linha de Tordesilhas; chegam ao rio Oiapock, batizado com o nome de rio de Vicente Ianez Pinzon, donde não passam para diante. 1500 — Pedro Alvares Cabral toma posse oficial da Terra de Santa Cruz (futuro Brasil) no dia 22 de abril; de Lisboa a Porto Seguro (Bahia) Duarte Pacheco Pereira guia a esquadra cabralina; de Porto Seguro, rumo ao cabo da Boa Esperança, através do Atlântico-Sul, Bartolomeu Dias conduz a armada na rota da viagem feita por ele treze anos antes, para falecer ao entrar no Índico. 1503 — Os portugueses abatem o poderio comercial dos muçulmanos no oriente e salvam a Europa da ameaça de nova invasão árabe, com a tomada de Cachin, a primeira fortaleza lusa na Ásia. 1508

— Os portugueses chegam a Madagascar. 1508 — Conquista de Ormuz, Goa e Malaca, pelos portugueses. 1511 — Posse e ocupação de Sanda, Java, Bornéu e Sumatra pelos portugueses. 1514 — João de Lisboa descobre o cabq de Santa Maria. 1515 — João Dias de Solis descobre o rio da Prata. 1516 — Antônio Taveira ocupa Timor, na Oceania. 1518 — Ceilão ocupada pelos portugueses. Simão de Andrade chega a Cantão onde se estabelece: presente do imperador da China à coroa portuguesa, Macau é lusitana. 1519 — Fernão de Magalhães, piloto português a serviço de Castela, dá a volta ao mundo. 1527 — D. Jaime de Menezes percorre a

costa da Austrália. 1530 — Os portugueses chegam ao Japão e unem o oriente ao ocidente.

"Ao longo dêsse cento e quinze anos de navegação marítima — diz Tito Livio Ferreira — os portugueses inventaram, em pleno século XV, a caravela. Adaptaram o leme, a bússola, a balestilha, o sextante, o astrolábio, as cartas de marcar, corrigidas e aumentadas pelos pilotos da Escola do Infante, o quadrante (o nônio inventado pelo português Pedro Nunes), a cartografia, a astronomia, os roteiros, enfim tóda a ciência náutica a serviço de Portugal e Portugal a serviço da Humanidade. E por essa forma desinteressada e valorosa de heroísmo, — êsse heroísmo anônimo, conscente e pacífico, os portugueses disseminaram pelo mundo o luso-cristianismo". Conclui o emérito professor a sua excelente monografia com os belos versos de Fernando Pessoa:

"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espalhou o céu."

Charadista!

Cruzadista!

Acha-se à venda o ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO, de autoria de Ed. Lirial Jor. (Mancel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para charadistas e cruzadistas, com um suplemento contendo alfabetos, música, noções sôbre cabala e sinais diversos empregados pelos apreciadores da arte enigmística.

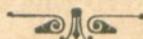
O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tódas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos dicionários adotados nas seções de palavras cruzadas e de charadas das publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compôr e decifrar charadas, enigmas desenhados e palavras cruzadas.



Pedidos pelo reembolso postal, à gerência de MILITIA — rua Alfredo Maia, 106 — SÃO PAULO — BRASIL.



Direção do Major
FRANCISCO V. DA FONSECA



Cel. Aniceto Rodrigues

CANGAÇO CONTINUA A
TER VEZ

Trucidado coronel da P.M.

Ainda não cessou, nas Alagoas, a onda de crimes a mando de chefes políticos. Desta vez temos a lamentar a perda de mais um elemento da Polícia Militar, o cel. Aniceto Rodrigues.

O assassinio ocorreu de emboscada, em União dos Palmares, no distrito de Mundaú-Mirim. Embora tal fato não constitua surpresa — porque inegável é a fase de desassossêgo e intranquilidade que o Estado atravessa — é sempre uma ocorrência que não se deve aceitar pacificamente, sem remontar às suas causas mais profundas.

E, entre estas, está a necessidade de uma reestruturação do organismo policial do Estado, visando a sua ação uniforme e prestigiosa, isenta de influências que permitam o florescer do banditismo na infeliz Terra dos Marechais. Eis que surge, mais uma vez, necessidade de se lutar pela nova lei básica das Polícias Militares, através da qual as nossas milícias obterão prestígio e auto-confiança na ação policial, sem temer a gregos ou troianos.



Lamentando, repetimos, a perda de mais um miliciano, esta secção de «MILITIA» se associa às manifestações de pesar endereçadas à família da vítima dêsse brutal atentado, assim como à Polícia Militar de Alagoas. Que a lição representada por mais essa cruz, essa nova viúva e êsses novos órfãos, com o seu acervo de dôr e sofrimento, sirva para alguma coisa de positivo na direção dos ideais policiais-militares.

CEARÁ

A convite do governador Parsifal Barroso, assumiu o comando da Polícia Militar o cel. Aluísio Borba, do E.B., membro de tradicional família cearense e que já exerceu o comando de várias Polícias Militares do nordeste.

124.º ANIVERSÁRIO

PROGRAMA FESTIVO

A P.M. comemorou, no dia 24 de maio último, o transcurso de seu 124.º aniversário de criação, com uma tarde movimentada e festiva e com a presença de autoridades, imprensa e convidados especiais.

Do programa constou o seguinte: recepção ao governador; solenidade militar; demonstração de ginástica, pelos alunos do Curso de Formação de Oficiais; e coquetel.

NOTA DO CLUBE DOS OFICIAIS

O Clube dos Oficiais da Polícia Militar, reunindo-se em assembléa extraordinária, no dia 2 de junho resolveu, em nota oficial à imprensa de Fortaleza:

«1 — Protestar veementemente contra a covarde agressão de que foi vítima seu consócio — ten. José Tavares de Sousa, por parte dos degenerados CARLOS GASELI, IVAN PAIVA e EDGARD DE TAL, êste conhecido por JAMELÃO, e três outros até agora não identificados, quando o referido oficial, acompanhado de sua espôsa, tomava banho de mar na praia do Comercial Clube;

2 — Solidarizar-se com o colega ofendido, prometendo promover todos os meios para a punição dos culpados;

3 — Lamentar a prontidão com que o sr. Joel Marques, deputado à Assembléa Legislativa, e também pai de família, acorreu ao encontro do desordeiro CARLOS GASELI, recolhido ao xadrez de uma das delegacias distritais, assim como a presteza com que a S.P.S.P. atendeu aos apelos daquele parlamentar, soltando imediatamente o agressor do nobre consócio.»

DISTRITO FEDERAL

SESQUICENTENÁRIO DA 1.ª P.M. DO BRASIL

A Polícia Militar do Distrito Federal completou, no dia 13 de maio último, 150 anos. Os já conhecidos "Cosme e Damião" da simpatia do povo devem sua fundação a D. João VI que, no dia de seu aniversário, resolveu criar uma "guarda real de polícia", semelhante à que havia em Lisboa, com o objetivo exclusivo,

então, de efetuar prisões. Os anos passaram, a cidade cresceu, a guarda real militarizada mudou de nome e hoje é a Polícia Militar, a milícia mais intimamente ligada à cidade do Rio de Janeiro. Para o ano, criado o Estado da Guanabara, continuará ali mesmo, já estando previsto que passará a ser custeada pelo governo do novo Estado.

Nomes e Brigas Passadas

O caráter militar da P.M. estava bem expresso no seu nome oficial: "Divisão Militar da Guarda Real de Polícia". Em 1858 passou a chamar-se Corpo Policial da Córte. Quando da Revolução da Armada de 1893, em que tomou parte saliente, apoiando Floriano Peixoto, já se chamava "Brigada Policial".

Criada precipuamente para manter a ordem da cidade, a Guarda Real não podia deixar de imiscuir-se nas quarteladas que precederam a Independência e, depois na época conturbada da Regência, no sufocamento das sublevações que agitavam a cidade. Então, foi seu comandante um jovem oficial, Luís Alves de Lima, o futuro Duque de Caixias. Ainda sob o comando do nunca vencido general, tomou parte em campanhas no sul do País, auxiliando as tropas regulares do Império.

O Seu Herói

Lógico que a P.M. tem como seus os heróis nacionais. Mas um é seu, muito seu, porque ali foi soldado e dela foi comandante, galgando todos os postos por merecimento e dedicação à carreira militar. Foi o cel. Joaquim Antônio Fernandes de Assunção, que durante a campanha do Paraguai prestou relevantes serviços, deu prova de bravura e mereceu, findo o conflito (1870), comandar o Corpo Policial da Córte. O coronel foi para o Paraguai como capitão, no campo de batalha conquistando os postos superiores. Hoje é tido como o protótipo do soldado da Polícia Militar. Foi homenageado nas festas de sesquicentenário com uma romaria ao seu túmulo, no cemitério S. João Batista e com a inauguração do seu busto, na praça que leva seu nome.

Na Guerra do Paraguai

A atuação da P.M. na guerra contra Solano Lopes foi brilhante. Seguiu para a luta em janeiro de 1866, sob o comando do cel. Miguel José Machado da Cos-

ta. Seu contingente foi conhecido nas fileiras do Exército como "Batalhão 3^o de Voluntários da Pátria". Tomou parte na batalha de Tuiuti, foi vanguarda na tomada do Forte do Estabelecimento. A P.M., então Corpo Policial da Córte, deixou no campo de batalha, entre muitos soldados, o seu próprio comandante.

A bandeira do Corpo que fez a campanha do Paraguai encontra-se guardada no Salão Nobre do seu quartel.

Outem, Hoje e Sempre

Todas as vezes em que é preciso manter a ordem nas ruas da Capital da República, lá está a P.M. No passado como no presente. E, certo, no futuro. As crônicas do passado lembraram a sua atividade na chamada "revolta da vacina", de 1904, em que conteve os elementos insuflados contra as medidas sanitárias postas em vigor por Osvaldo Cruz; no parcial levante do Batalhão Naval, em 1910; no policiamento rigoroso da Cidade nos anos revolucionários, de 1922, 1930 e 1932. Na coibição ao levante comunista de 1935, assim como no "putsch" integralista de 1938.

Nos tempos mais próximos, colaborou a P.M. para manter as liberdades públicas no ano agitado de 1945, quando o Largo da Carioca era, praticamente, tribuna abertas a todas as correntes partidárias. E até nas arruaças que os estudantes mal-orientados, vez por outra, promoviam, no passado, o soldado da P.M. sempre foi elemento ponderado e pacificador. Os que viam seus intuitos de perturbação contrariados por ele tentaram opor-lhes um apelido depreciativo de "meganha". O povo carioca, no entanto, reagiu espontaneamente aos provocadores. E surgiu o apelido que pegou e, hoje, é um testemunho do aprêgo e carinho para com os soldados que, par a par, a pé ou a cavalo, na direção do trânsito e em tantas outras circunstâncias, auxiliam o carioca a viver em paz e harmonia dentro da sua grande Cidade. Para o carioca, os soldados da P.M. são "Cosme e Damião".

Almôço e saudação à imprensa

Contando com a presença do sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, o cel. Luís Inácio Jarques Júnior, comandante da P.M.

ofereceu um almôço, no dia 7 de maio, aos elementos da imprensa e do rádio do Rio. Durante a reunião, o cel. Jarques Júnior proferiu uma saudação à imprensa, que publicamos noutro local.

MINAS GERAIS

OFICIAIS E PRAÇAS VENCEM AÇÃO CONTRA O ESTADO

Receberão cêrca de 5 milhões atrasados

Reunida na tarde do dia 22, junho, a 1.ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça reconheceu procedente o direito dos oficiais e praças reformados e da reserva da Polícia Militar que, com base nos artigos 9.º e 10.º da lei 1 509, de 26 de novembro de 1956, reclamavam o imediato pagamento dos vencimentos e vantagens ali previstos.

Encabeçado pelos reformados José Gabriel Marques, Francisco de Campos Brandão, Altino Alvim de Menezes e Cândido Saraiva da Silva, o pedido inicial, de autoria do prof. Raimundo Candido, representando o interesse de mais de 300 prejudicados, entre praças e oficiais, foi dirigido à 1.ª Vara dos Feitos da Fazenda, que o julgou improcedente. Sob o número 5.455, seguiu em apelação para o Tribunal de Justiça, funcionando como relator o desembargador Newton Luz, tendo como revisor o des. Wellington Brandão e como vogal o des. substituto Agenor de Sena Filho, que reconheceram por unanimidade os termos dessa ação declaratória cumulada com ordinária de cobrança.

Assim, condenaram o Estado ao pagamento de mais de 5 milhões de cruzeiros, correspondentes a diferenças, a partir da data em que entrou em vigor a lei 1 509.

PARÁ

INSURGIRAM-SE OS BOMBEIROS DE BELÉM

Quando chamados a fazer exhibições de destreza perante todo o secretariado do Estado e da Prefeitura, no dia 9 de maio último, sargentos, cabos e soldados do Corpo Municipal de Bombeiros puseram tôdas as viaturas na rua, desligaram os contactos e declararam-se em greve. Tentando restabelecer a ordem, o cel. Maurício Ferreira, comandante de Corpo, determinou o toque de formatura, mas não foi obedecido. Os insurretos exigiram a presença, no quartel, do prefeito Lopo de Castro, única pessoa com quem se entenderiam.

O comandante Maurício Ferreira solicitou demissão, mas, antes, determinou abertura de inquérito policial-militar para punir os responsáveis pela indisciplina.

Nem salário mínimo

O prefeito compareceu e foi informado que a causa da greve residia não só no atraso de pagamento de vencimentos como também no baixo nível destes, "abaixo dos salários de fome", pois enquanto o salário mínimo da região é de Cr.\$ 4.800,00, a Prefeitura lhes paga apenas Cr.\$ 2.800,00 mensais. Exigiram melhores condições sob pena de continuar a cruzar os braços.

Em resposta, o prefeito declarou que não podia apoiar a indisciplina, muito embora reconhecesse justa a reivindicação. Sua obrigação, portanto, era a de prestigiar o comando.

"Além do mais — afirmou — a Prefeitura está enfrentando enormes dificuldades financeiras". Mas prometeu enfrentar a situação, não só através da melhoria de padrão de vencimentos dos "soldados do fogo", como ainda da punição dos responsáveis por aquêl estado de coisas.

Expulsos onze elementos

Por terem participado da insurreição no Corpo Municipal de Bombeiros de Belém, foram expulsos, no dia treze, onze elementos daquela corporação, sendo entregues, a seguir, à Polícia Civil. Prossegue o inquérito policial-militar.

PARANÁ

NÃO PODEM SER OFICIAIS

— Brasileiros naturalizados não podem ser oficiais das Forças Armadas — êsse o sentido de importante pronunciamento do dia 25 de junho, do Procurador Geral da República, Dr. Carlos Medeiros Silva, ao se manifestar, em parecer, favorável à discriminação entre brasileiros natos e naturalizados, para efeito de participação no oficialato das nossas corporações militares.

O parecer do procurador geral foi dado em recurso extraordinário, a ser julgado dentro dos próximos dias pelo Supremo Tribunal Federal, e no qual o subtenente mecânico do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná, recorreu contra a decisão do govêrno local que promoveu ao posto de 2.º ten. o seu colega Michal Janick, que, por não ser brasileiro nato e sim naturalizado não poderia ser promovido.

Em seu pronunciamento, o procurador geral deu razão ao subtenente preterido, manifestando-se pela anulação da promoção concedida ao militar naturalizado.

PARAÍBA

ALTERAÇÕES NOS SETORES POLICIAIS DO ESTADO

Com a saída do cel. Renato Ribeiro de Moraes, do comando da Polícia Militar, por ter-se candidatado à Prefeitura da Capital, o governador Pedro Gondim aproveitou o ensejo para efetuar transformações em cinco setores importantes da segurança pública. No Departamento de Polícia Civil foram substituídos os titulares das delegacias de Costumes, Investigações e Capturas, Especial de Trânsito e Regional de Itabaiana.

Na Polícia Militar foram as seguintes as modificações introduzidas: Para o comando da P.M., foi designado o cel. José Maurício; para a Regional de Itabaiana, o ten. José Lira; para a Delegacia de Investigações e Capturas, o cap. Severino Dias de Sousa; para a Delegacia de Costumes e Vigilância, o cap. Antenor Salgado; e, finalmente, para a Delegacia Especial de Trânsito, o cel. Clodoaldo Passos Fialho.

PERNAMBUCO

PLANOS DO COMANDO

O cel. Espedito Sampaio, atual comandante da P.M., conversando com a reportagem, revelou alguns objetivos a serem atingidos pelo seu comando. Seu trabalho administrativo está sendo devidamente planejado, para execução no quadriênio em que ficará à frente da P.M.P.

— “A criação de uma companhia de Guarda, tropa de choque e que realizará o policiamento ostensivo da cidade, será minha primeira etapa a atingir, disse o coronel Espedito. Prosseguindo, afirmou que,” dentro de mais um mês, será iniciado o recrutamento de voluntários, mediante rigoroso exame de seleção. Pretendemos selecionar, dentre mil homens, duzentos que satisfaçam as condições exigidas para integrar essa tropa que, não obstante, seja de choque, será também de elite.”

“Como medida preparatória”, acrescentou o comandante da Polícia Militar, “nos primeiros dias de julho seguirá para o Rio uma turma de oficiais e sargentos que deverá realizar um estágio na Polícia Militar do Distrito Federal, com treinamento intensivo durante 30 dias. Não seria necessário o envio de sargentos para esse estágio, todavia, acrescentou o cel. Espedito, a fim de prestigiar a classe dos graduados, fizemo-los incluir entres os estagiários, formando assim uma equipe de sete — quatro oficiais e três sargentos.

Habitação para Soldados

Outro ponto fundamental que será atingido pelo Comando geral da P.M.P., no decorrer deste ano, será o prosseguimento da construção de casas higiênicas para os soldados. Para tanto dispõe a corporação de uma área de 500 metros quadrados na av. Dantas Barreto e ainda avultada importância para indenizar a desapropriação do conjunto residencial que existia em Santo Amaro.

SERVIÇO DE SAÚDE

Consta também, do plano de realizações do atual comandante da P.M.P., a introdução de melhoramentos no Serviço

de Saúde da Corporação. Uma velha aspiração da milícia era a construção de uma maternidade anexa ao hospital. Para o cel. Espedito, que já construiu no Ceará obra idêntica, seria, segundo revelou, uma realização particularmente grata, sobretudo pela carência de estabelecimentos similares em todo o nordeste.

Na sua palestra com a reportagem, o comandante da P.M.P. frisou que a construção da Maternidade da Corporação será objeto de planificação do próximo exercício.

Dois Conselhos

Tôdas as metas a serem atingidas pelo Comando da P.M.P., afirmou o cel. Espedito, estão sendo estudadas devidamente e elaboradas por dois Conselhos. Um de Administração e outro Militar. O primeiro tem a seu cargo elaborar e planejar melhoramentos de serviços, etc., enquanto o segundo, ambos integrados por oficiais superiores, encarregar-se-á da parte de legislação, regulamentos e pesquisas sobre o passado da Corporação, etc..

PLANIFICAÇÃO NO SETOR POLICIAL DO ESTADO

Nomeada comissão, pelo governo

A fim de promover a planificação do setor policial do Estado, para os quatro anos de governo do sr. Cid Sampaio, este nomeou uma comissão composta dos ten. céis. Ismael de Góis Lima e Agenor Cavalcanti de Carvalho e bacharéis Haroldo Guerra Barreto (Delegacia de Trânsito) e Fernando Tasso de Sousa (Delegado Auxiliar), cabendo a presidência ao cel. Ismael, secretariado pelo ten. Leovigildo Maranhão.

Já vem funcionando

Instalada oficialmente, no dia 1.º de junho, a Comissão de Planejamento do Policiamento do Estado, após algumas reuniões preparatórias, dela participaram, além dos membros titulares, os céis. Espedito Sampaio e José Cavalcanti. No decorrer da manhã foram ventilados vários assuntos, inclusive a criação de mais

uma delegacia distrital, e realizadas reformas substanciais nas Especializadas, particularmente nas de Investigações e Capturas e Vigilância e Costumes.

Unificação à vista

Foi igualmente sugerida a unificação da Polícia, através da constituição de uma única corporação e também foi abordada a necessidade do deslocamento de um batalhão da P.M. para uma cidade do interior, para melhor atender às necessidades das delegacias interiores, quanto às requisições de tropa, em qualquer emergência.

A partir de agora, os membros da Comissão de Planejamento do Estado irão trabalhar na preparação de um anteprojeto que será apresentado ao governador do Estado, a fim de que este o encaminhe à Assembléia Legislativa para que o transforme em Lei.

134.º ANIVERSÁRIO DA P.M.

Assinalando a passagem da data de sua criação, há 134 anos, a Polícia Militar de Pernambuco, fez cumprir, no dia 11 de junho, vasto programa festivo.

A atual P.M., que já se denominou Corpo de Polícia da Província de Pernambuco, Corpo de Guardas Municipais Permanentes, Contingente de Municípios Permanentes (acampado em Agua Preta), Corpo de Polícia, Corpo Policial, Guarda Local, Regimento da Força Pública, Regimento Policial do Estado, Força Policial, Força Pública do Estado e Brigada Militar de Pernambuco, a partir de 1.º de janeiro de 1947, passou a denominar-se Polícia Militar de Pernambuco. O seu efetivo é, no momento, de cerca de 3.000 homens.

Na sua longa trajetória, a Polícia Militar de Pernambuco tem participado de

várias campanhas e batalhas. Com a denominação de 51.º de voluntários da Pátria, incorporado à 14.ª Brigada da 6.ª Divisão, seguiu para os campos de luta do Paraguai, tomando parte ativa em vários combates; manteve e assegurou a ordem pública nesta capital nos dias agitados da campanha eleitoral de 1911, participou do movimento de 1930, com bravura e galhardia, na defesa do governo constituído; no ano seguinte, lutou contra um movimento sedicioso irrompido no Recife; participou contra a Revolução Constitucionalista de São Paulo (1932); através de anos a fio combateu e extinguiu o banditismo e o cangaço no sertão e no agreste, colaborando eficazmente nesse mesmo combate em territórios de Estados vizinhos.

Hoje, a secular corporação é considerada um dos centros modelares (estadual) de instrução militar e cívica, possuindo Curso de Formação e Aperfeiçoamento de Oficiais, nivelando-se, assim, às milícias de São Paulo, Rio, Rio Grande do Sul. Nas últimas décadas a Polícia Militar de Pernambuco tem sido comandada por oficiais superiores do Exército. Os que mais se destacaram no Comando Geral da Corporação e que por isso ainda são recordados no seio dos oficiais e praças foram os céis Jurandir Mamede, Viriato Correia, Roberto de Pessoa, isso sem falar em oficiais da própria fileira que estiveram eventualmente à frente daquele Comando. Atualmente é comandante geral da milícia pernambucana o coronel Manuel Espedito Sampaio, que já teve oportunidade de exercer comando idêntico nas P.M. de Goiás e do Ceará, motivo por que da sua experiência muito se espera venha a ludo Irineu Flório, daquela corporação.

RIO DE JANEIRO

FLÓRIDO RECONDUZIDO AO COMANDO DOS BOMBEIROS

Em face de ato do prefeito Wilson de Oliveira retornou ao comando do Corpo de Bombeiros de Niterói o cel. Bernardino Irineu Flório, daquela corporação.

Eis a integra do ato que trata do assunto: "Comissionado, na conformidade

do disposto no item I, do art. 1.º do decreto-lei estadual n.º 624, de 28-10-42, o major do Corpo de Bombeiros de Niterói, Bernardino Irineu Flório, no posto de coronel criado pela Deliberação n.º 2127, de 28-8-58 e nomeá-lo de acordo com o art. 3.º do Regulamento aprovado por deliberação n.º 1758, de 16-1-51, comandante da referida corporação".



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com a insubstituível

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

VISANDO AO APARELHAMENTO DO C.B.

Prefeito inaugura campanha popular

Com a inauguração, na manhã do dia 6 de junho, dos três primeiros postos para venda de flâmulas, foi iniciada, oficialmente, a campanha popular do reaparelhamento do Corpo de Bombeiros de Niterói.

O prefeito Wilson Oliveira inaugurou o posto da praça Araribóia, numa solenidade simples, em que esteve presente, também, o coronel Bernardino Flório, comandante da corporação e promotor da campanha que visa dotar aquela unidade de apetrechos e viaturas modernas, capazes de atender amplamente à população de Niterói.

Os dois outros postos, na praça Enéias de Castro, no Barreto, e na praça Getúlio Vargas, em Icaraí, foram inaugurados por um representante do chefe do Executivo niteroiense.

Acredita-se que o povo de Niterói não se furtará de colaborar. A campanha é das mais meritórias. Em verdade, os soldados do fogo da cidade estão sem meios para extinguir incêndios qualquer incêndio de regulares proporções, dada a precariedade do material de que dispõem.

Em ninguém ignora, por outro lado, que essa situação se vem arrastando há anos, de governo em governo, e que os cofres municipais não se acham em condições de atender em tôdas as suas necessidades o Corpo de Bombeiros de Niterói.

RIO GRANDE DO NORTE

CRIADO O CORPO DE BOMBEIROS DE NATAL

Funcionará dentro em breve

No gabinete do comando da Polícia Militar do Estado, foi entregue, no dia 6 de maio último a uma firma do Rio de Janeiro, o pedido de aparelhagem completa para os auto-bombas do Corpo de Bombeiros de Natal, criado na administração Dinarte Mariz.

O referido material deveria chegar a Natal, por via rodoviária, até o mês de junho, razão porque se espera, para dentro em breve, a entrada em funcionamento efetivo do Corpo de Bombeiros.

Treinamento do pessoal

O C.B. de Natal tem efetivo fixado para 1959 em 62 homens, parte dos quais já estão sendo treinados pelo major José Osias da Silva, que pertence ao Corpo de Bombeiros do Distrito Federal e foi posto à disposição do Governo do Rio Grande do Norte.

Embora dispondo de carro-tanque para atender às primeiras necessidades, os bombeiros do Estado deverão contar com um sistema de hidrantes, cuja instalação será feita pelo Departamento de Saneamento.

VISITA DO COMANDANTE DA GUARNIÇÃO FEDERAL

Na manhã do dia 4 de junho, o general Mário Peppe de Figueiredo, comandante da guarnição federal de Natal e da I.D. 7, visitou o quartel da Polícia Militar, sendo ali recebido pelo comandante, cel. José Reinaldo Cavalcanti e pela tropa, com as honras a que tem direito.

No gabinete do comando, o ilustre visitante foi apresentado aos oficiais presentes, falando, na oportunidade, o cel. José Reinaldo, destacando a honra daquela visita. Agradecendo, o gen. Peppe disse ser aquela a primeira vez que visitava uma unidade de Polícia Militar, ressaltando a satisfação de constatar a organização e o asseio do quartel da P.M., por ele visitado em suas dependências.

RIO GRANDE DO SUL

AUTOR DA Tese: "A SITUAÇÃO JURÍDICO-PENAL DO POLICIAL MILITAR DOS ESTADOS" FOI AGRACIADO COM MEDALHA DE "ALTA DISTINÇÃO".

PÓRTO ALEGRE, maio (do correspondente) — Em cerimônia realizada na capital federal foi condecorado com medalha "Alta Distinção" o sr. CLIO FIORI DRUCK, juiz togado da Córte de Apelação da Justiça Militar do Estado do Rio Grande do Sul.

O juiz militar da Córte do Estado sulino é um grande estudioso dos problemas policiais-militares. Desde o seu ingresso na Magistratura Militar vem S. Excia dedicando o melhor dos seus esforços para dar solução ao problema jurídico-penal dos milicianos de todo o Brasil. Vários trabalhos já realizou, sendo todos coroados de êxito e, ainda bem recentemente durante a realização, no Rio de Janeiro, do 1.º Congresso Brasileiro de Direito Penal-Militar, teve participação saliente em defesa dos direitos milicianos. Sua tese: "A Situação Jurídico-Penal do Policial Militar dos Estados", publicado no último número de MILITIA, foi muito debatida, sendo finalmente aprovada naquele conclave. Seus fundamentos estão consubstanciados no projeto Ulisses Guimarães, lei básica das Polícias Militares (Art. 25 e seu parágrafo).

O problema jurídico-penal dos militares estaduais vinha se arrastando de tempos em que fôsse encontrada uma solução. Em sua tese aquêl magistrado demonstra a necessidade de julgamento, pela Justiça Militar Estadual, dos crimes praticados pelos Policiais-Militares no exercício ou em razão da função policial ou policial-militar.

N. da R. — A mesma condecoração foi conferida a outras personalidades, entre as quais o presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado de São Paulo, de que publicamos notícia em outro local dêste número.

ANIVERSÁRIO DOS "PEDRO E PAULO"

Dia 29 de junho, data em que se comemoram os santos padroeiros do R.G.S. — São Pedro e São Paulo —

os seus homônimos comemoram também seu natalício. Para tanto o comandante daquela unidade de elite da P.M. gaurcha elaborou um vasto programa de festejos.

As Cerimônias

As cerimônias levadas a efeito no Quartel dos "Pedro e Paulo", na Vila Militar das Bananeiras, contou com a presença do sr. Theobaldo Neumann, secretário da Segurança Pública, cel. João Carvalho Carpes, cmt. geral da Brigada Militar; cel. Brasilino Rodrigues da Silva, chefe do E.M.G.; sr. Henrique Henkin, chefe de Polícia; desembargador Celso Afonso Pereira, presidente do Tribunal de Justiça do Estado; cel. Olegário Diogo Duarte, presidente da Corte de Apelação da Justiça Militar do Estado, maj. Atilo Cavalheiro Escobar, representando o eng. Leonel Brizola, governador do Estado; ten. cel. Heitor Castro de Oliveira, ajudante geral da B.M., cap. Pandolfo Braga, cmt. da 6.ª Cia. de Polícia do Exército; comandantes de Corpos e chefes de Serviços da milícia estadual, representantes da imprensa e do rádio da capital.

Deu realce todo especial à festa dos "Pedro e Paulo" a presença de três oficiais pertencentes às co-irmãs de São Paulo, Pernambuco e Goiás, respectivamente ten. Alair da Silva Brandão da F.P.E.S.P., que se encontrava no Estado em gozo de férias, ten. Fernando Soares Filho, da Polícia Militar do Estado de Pernambuco, cursando a Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo (também em férias); ten. Elídio Monteiro de Godoi, cmt. da Cia. de Bombeiro da P.M. de Goiás.

Dando início às solenidades desfilou, em continência às autoridades presentes, uma cia do Btl. Policial, sob o comando do 1.º ten. Augusto Álvaro Leitão; processando-se, a seguir, o compromisso de promoção ao 1.º posto pelos 2.ºs tens. Wenceslau Ari Sena,

Maurilio Neves Zimmermann, Walton Pontes Carpes, Milton Weyrich e Aderbal Amorim.

Homenagens

O ponto alto das solenidades, foi sem dúvida, a homenagem que os "Pedro e Paulo" prestaram a duas figuras ilustres: o ten. cel. Heitor Castro de Oliveira, primeiro comandante do Btl. e o jornalista Luiz Carlos Costa, da Fôlha da Tarde". Pelo maj. Tomaz Pereira de Vasconcelos, atual cmt. do Btl. Policial, foi entregue, a cada um dos homenageados, um fino mimo contendo uma águia de ouro entrecortada por uma cruz e uma espada, (escudo dos "Pedro e Paulo"), e um cartão de prata com significativa inscrição tendo como fundo uma moldura com as cores do R.G.S.

Ambos, vivamente emocionados, fizeram uso da palavra agradecendo o cmt. da unidade e seus componentes, ressaltando o trabalho realizado pelas já populares duplas "Pedro e Paulo".

O cel. Heitor, recordando sua passagem pelo comando da unidade, referiu-se ao excepcional espírito de sacrifício de que são dotados os "Pedro e Paulo", como organização policial original que tem como lema servir o povo.

Significativa foi também a oração do jornalista homenageado, que ressaltou a organização dos "Pedro e Paulo", em muito aspectos pioneira em matéria de policiamento em nosso estado, como a seleção dos elementos, mediante o exame psictécnico. Frizou que era a primeira vez no Estado, que uma organização policial, antes de lhe entregar um revólver e um cassetete, submetia o homem a um exame psicotécnico, para provar sua sanidade mental completa.

Referiu-se ao sacrifício e disciplina e vontade de servir ao povo revelado pela dupla, desde o início, bem como o papel saliente que tiveram o cel. Manoel Monteiro de Oliveira, então chefe do Estado Maior Geral da Brigada Militar, e o major Otávio Frota, na vitoriosa atividade do hoje Btl. Policial, assessorados por um grupo de jovens oficiais imbuidos também da mesma dedicação ao trabalho. Finalizando sua oração, assim se expressou o homenageado: "Recebo este mimo, como uma homenagem à imprensa e rádio de P. Alegre, em geral, e à Cia. Jornalística Caldas Júnior, em particular.

Visita às instalações e coquetel
Após uma demonstração de cães amestrados, realizada na parte fronteira ao quartel, as autoridades e convidados visitaram-lhe as diversas instalações, sendo logo após servido um coquetel aos presentes. Na ocasião autoridades e convidados tiveram a oportunidade de ouvir uma gravação da canção dos "Pedro e Paulo", de autoria de um ex-cabo do Batalhão. Foram ofertados, pelo ten. cel. Heitor Castro de Oliveira, discos contendo a canção dos "Pedro e Paulo" e o dobrado São Cipriano" aos srs. Theobaldo Neu-

mann; cel. João Carvalho Carpes, e cel. Brasilino Rodrigues da Silva.

Na mesma oportunidade discursou ainda o major Tomaz Pereira de Vasconcelos, saudando as autoridades e pessoas convidadas.

Fala o Secretário da Segurança
Antes de encerrar as solenidades fez uso da palavra o sr. Theobaldo Neumann, dizendo da sua satisfação em participar daquela festa, ao mesmo tempo em que reafirmou o seu ponto-de-vista de, tudo fazer em prol daquela Unidade de elite da nossa Brigada Militar, que tão assinalados serviços vem prestando aos portoalegrenses, dos quais é testemunha.

Notícia agradável

Findo seu discurso, o cel. João Carvalho Carpes leu o decreto do governador Leonel Brisola, assinado naquela manhã, promovendo vários oficiais da Brigada, muitos dos quais presentes às cerimônias.

Homenagem da Rádio Farrroupilha

Associando-se às homenagens tributadas aos "Pedro e Paulo" a Rádio Farrroupilha levou ao ar, às 13,30 hrs. um programa radiofônico constando do histórico, desde a criação, da então Cia. de Polícia, que serviu de base para a formação do atual Btl.

SANTA CATARINA

CURSO DE OFICIAIS DA P.M.

Assembléia congratulou-se com a P.M.

Em uma das sessões do mês de junho, o Poder Legislativo do Estado aprovou moção congratulatória ao cel. Euclides Simões de Almeida, comandante

da milícia, e major Angelo Crema, diretor do Curso de Oficiais, salientando os proveitosos serviços assinalados por aqueles oficiais, com a instalação, no distrito de Trindade, do Curso de Oficiais da Polícia Militar com uma organização que merece os melhores aplausos.



Cap. Cálido de Campos Montes, Chefe da Secção

Armas a Serviço da Paz Pública

CONTINUANDO na série de visitas a dependências, órgãos e instituições da Fôrça Pública, a reportagem de MILITIA visitou recentemente a SECÇÃO DE MATERIAL BELICO.

Antes de relatarmos aos nossos leitores o que foi dado a observar e os esclarecimentos dos que ali mourejam, sôbre o que se faz nesse órgão da corporação, num rápido retrospecto histórico diremos alguma cousa do seu passado.

GENESE

Em 1917, no velho casarão da Várzea do Carmo que servira, até 1903, de séde ao Hospício de Alienados, e na ocasião ao Quartel Central da Guarda Cívica, foi num barracão da ala direita instalado um GABINETE DE MUNIÇÕES que aproveitando cartuchos máuser já detonados os recarregava. Era seu diretor o tenente Natanael Prado.

Nos porões do quartel da Luz, funcionou, até 1924, uma officina com a finalidade de reparar arma-

mento e fabricar pequenas peças de fuzil Mauser.

A Lei 2 051, de 31 de dezembro de 1924, criou a REPARTIÇÃO DO MATERIAL, que unificando tudo que existia esparso por diversas unidades era organizada em três officinas: de CARTUCHOS, de ARMAMENTO e de SELARIA e EQUIPAMENTOS.

Teve a Repartição do Material papel saliente nos dias da Revolução Constitucionalista de 1932, quer fabricando munição, quer reparando armas avariadas nas frentes de luta.

Com organização provisória, logo legalizada em janeiro de 1936 pela Lei 2511, de 2 de janeiro, passou em agosto de 1935 a funcionar o **SERVIÇO DE MATERIAL BÉLICO**, que teve somente 20 anos de existência, poi foi extinto em meados de 1956.

Extinto o Serviço de Material Bélico, foi criada a Secção de Material Bélico, ligada ao Serviço de Intendência somente na parte administrativa do pessoal, e subordinada diretamente ao Comando Geral na sua vida técnica e funcional.

DIFICULDADES E ATRIBUIÇÕES

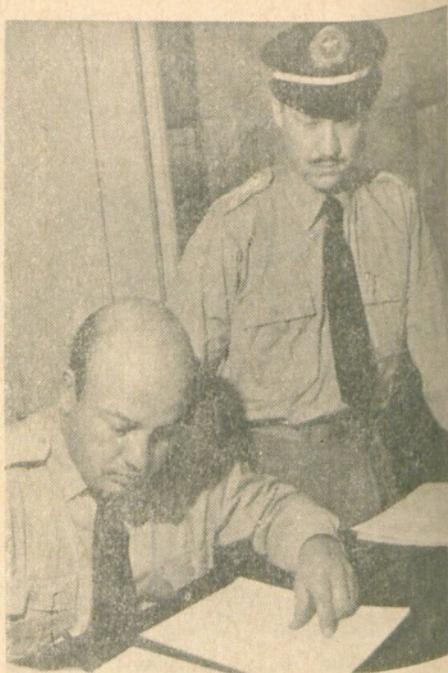
Esta Secção, tendo perdido a maior parte do pessoal, quase toda a maquinaria, e ficado com parte — exígua aliás — das dependências do extinto S.M.B., não deixou, porém, de herdar-lhe as atribuições de «**ABASTECIMENTO DA FORÇA PÚBLICA EM ARMAMENTO E MUNIÇÃO** (escolha, aquisição e distribuição); **FISCALIZAÇÃO PERMANENTE E REPARAÇÃO DO MATERIAL DISTRIBUÍDO**; **CONSTITUIÇÃO DE DEPÓSITOS**; e, **CONTROLE PATRIMONIAL DA CLASSE MATERIAL BÉLICO**».

Apesar de drásticamente reduzida, em função de «motivos econômicos» e de contar com escassas verbas, não se tem a Secção descuidada de suas atribuições, como mostraremos adiante.

ARMAMENTO

Nestes dois últimos anos, conseguiu triplicar o número de metralhas. doras de mão .45 (INA) existente na corporação.

Trocou quase um milheiro de fuzis Mauser descalibrados por questões Mauser, modelo 1922, reca-



O ten. Sebastião de Aguiar, adjunto da Secção, faz uma conferência de números de revólveres, com um oficial de uma unidade da capital

perado pela fábrica do Exército Brasileiro, em Itajubá.

Apesar das previsões orçamentárias feitas nas épocas devidas, não tem sido ainda atendida dentro das reais necessidades da corporação, com as verbas necessárias à aquisição de **REVÓLVERES**, dos quais há um grande déficit. Adquiriu poucos menos de duzentas dessas armas, pois em 1958, logo no início do ano, foi a verba a isso destinada — um milhão e quinhentos mil cruzeiros — transferida de item orçamentário e destinada à construção de um pavilhão do Presídio Militar «Romão Gomes». Não é necessário acrescentar que o protesto da Secção, foi «arquivado».



O trabalho burocrático é muito e não há tempo para olhar para o fotógrafo.

GRANADAS QUÍMICAS E

MÁSCARAS

Na impossibilidade de adquirir granadas químicas estrangeiras por dificuldades de importação e principalmente por seus preços elevados, foram adquiridas da Fábrica de Bom Sucesso, do Exército, granadas lacrimogêneas em apreciável quantidade. Tendo sido observado com o decorrer do tempo que seu dispositivo de ignição não era prático e nem eficiente, procedeu a Secção estudos e experiências, resolvendo a situação outro dispositivo mais prático e eficiente.

As máscaras contra gases das unidades empregadas na repressão de distúrbios populares, estavam totalmente inutilizadas, pois foram adquiridas nos Estados Unidos em 1946. Depois de pesquisas no parque industrial de São Paulo, foi encontrado um tipo de máscara contra gases que se presta perfeitamente à proteção pessoal dos homens empregados em tropa de choque, e das quais foram adquiridas perto de meio milheiro.

MUNIÇÃO

Na eficiente indústria paulista de munição, COMPANHIA DE CAR. TUCHOS, foi feita aquisição de munição calibre .38, em quantidade suficiente para poder ser fornecida às unidades para treino de tiro de revólver, o que estava suspenso há muito tempo.

Foram ainda adquiridos 100.000 chumbinhos 4,5 milímetros, destinados ao treinamento de tiro com armas de pressão.

Um problema que vinha há muito preocupando os dirigentes do Material Bélico da Fôrça Pública, era a falta de munição calibre 9 milímetros para pistola Walther, arma regulamentar dos oficiais e subtenentes. A que existia era bastante velha — adquirida em 1936 — e já estava quase totalmente inutilizada. Graças a gestões empreendidas junto à Cia. Brasileira de Cartuchos, colocou essa indústria a munição 9 milímetros em sua linha de fabricação. Foi já entregue a primeira encomenda que dentro em breve irá ser distribuída às unidades.

BUROCRACIA, SEMPRE BUROCRACIA

Tivemos oportunidade de tomar conhecimento das dificuldades que tem a Secção de enfrentar para fazer suas aquisições.

As verbas além de curtas, vêm sempre congeladas em 50 e 100%. Há necessidade de preparar exaustivo expediente para obtenção de descongelamento. Conseguido êste, vem

vólveres Smith & Wesson .38, estando a efetivação da mesmo no momento, dependendo somente de autorização do Ministério da Guerra, pois já foi aprovada pelo governo do Estado.

o processo de aquisição, que, em se tratando de material bélico, depende de autorização do Ministério da Guerra. Tudo isso chega a consumir meses de trabalho.



Trabalho incessante nas oficinas: coronheiros e armeiros em ação.

TROCA DE MATERIAL OBSOLETO

Existindo em depósito grande quantidade de material obsoleto (armas descalibradas, armas imprestáveis para uso, armas para as quais não se encontra mais munição, armas completamente fora de emprêgo, peças avulsas sem possibilidade de utilização etc.), entrou a Secção em entidimentos com a firma norte-americana «PÁSADEMA FIRE-ARMS COMPANY» para que seja efetuada troca dêsse material por re-

Não deixa a Secção de Material Bélico de afirmar que em todos os passos para fazer suas aquisições tem contado com valiosa cooperação e muito boa vontade, quer da 1.ª Secção do S I, quer do próprio Serviço de Fundos. O mesmo tem acontecido na 2.ª Região Militar (Serviço Regional de Armamento e Munição) e no Ministério da Guerra Secção Técnica do Gabinete Ministerial). Não fôsse isso, verbas seriam perdidas por não poder ser empregadas a tempo.

DIFUSÃO DE CONHECIMENTOS

Tem a Secção de Material Bélico procurado difundir conhecimentos referentes ao seu ramo, havendo providenciado a aquisição de diversos Manuais Técnicos e de Instrução, para distribuição às unidades. Elaborou mesmo um Manual, no qual foram condensados conhecimentos sobre manuseio, conservação e limpeza de artigos bélicos, que foi amplamente distribuído, tudo por iniciativa de seu autor, cap. Cálilo de Campos Montes, chefe da Secção.

INSTRUÇÃO E ENSINO

Em estrita colaboração com a Diretoria de Instrução organizou um Curso Rápido destinado a preparar tenentes para o comando de tropa de choque. Esse curso, que teve a eficiente colaboração de oficiais que fizeram curso de Polícia Militar no exterior, preparou cerca de 50 oficiais para comandar tropas de choque, instruí-las e planejar seu emprego em movimentos de perturbação da ordem pública de tôdas as naturezas.

Ainda em colaboração com a D.G.I., preparou e executou uma série de exercícios de tiro por oficiais sediados em São Paulo, com a metralhadora de mão .45-M950 e M953 (INA).

Montou e executou, no Barro Branco, sempre colaborando com a D.G.I., uma demonstração de emprego de agentes químicos.

SUGESTÕES APROVADAS E MANDADAS EXECUTAR

Um modelo, idealizado pela Secção, de cartucheiras para carregadores de metralhadora de Mão .45,



O sgt. coronheiro Dilvio Souto, ao preparar uma coronha de metralhadora Schmeisser

foi aprovado pelo Comando Geral e mandado manufaturar para distribuição à tropa. Igualmente foi aprovada sugestão de se adaptar uma bandoleira no fuzil lança-granadas Tru.Flit.

Graças ainda a estudos elaborados pela Secção de Material Bélico, foram publicadas Instruções em Boletim Geral, sobre o uso e emprego pelos oficiais, subtenentes, sargentos, cabos e soldados, das diversas armas em diversas situações ficando assim derimidas algumas dúvidas que existiam.

CONTROLE PATRIMONIAL

De acôrdo com normas regulamentares vigentes sobre o assunto e para poder estar em condições de não só prestar ao Comando Geral informações sobre disponibilidade de

material bélico da corporação, como dar contas do valor patrimonial da classe à Sub-Contadoria Seccional-307, da Secretaria da Fazenda, que funciona junto ao Serviço de Fundos, e ainda submeter-se ao controle exercido pelo Exército, por intermédio do Serviço Regional de Armamento e Munição, da 2.ª Região Militar, mantém a Secção um perfeito controle patrimonial da movimentação (carga, descarga, transferência etc.) nas unidades, através dos Boletins Confidenciais Regimentais e do Boletim Confidencial da Força Pública pelos quais são fei-

tas as alterações nos fichários. Mantém ainda a Secção o controle por número de armamento distribuído, extraviado e apreendido pela Justiça.

MANUTENÇÃO E REPAROS DE ARMAS

Nas suas três oficinas — ARMAS, CORONHARIA e ELETRO-GALVANOPLASTIA — faz todos os reparos do armamento em uso na corporação. Apesar de contar com reduzido número de artifices, maquinaria deficiente e instalações acanhadas, tem-se desempenhado a contento, também neste setor a seu cargo. Os dados abaixo nos mostram que tem produzido suas oficinas

ARMAMENTO REPARADO PELAS OFICINAS

DISCRIMINAÇÃO	A N O S		S O M A
	1958	1957	
Armas de porte	78	148	226
Armas portáteis	272	236	508
Armas automáticas	76	65	141
Acessórios e pertences	203	484	687

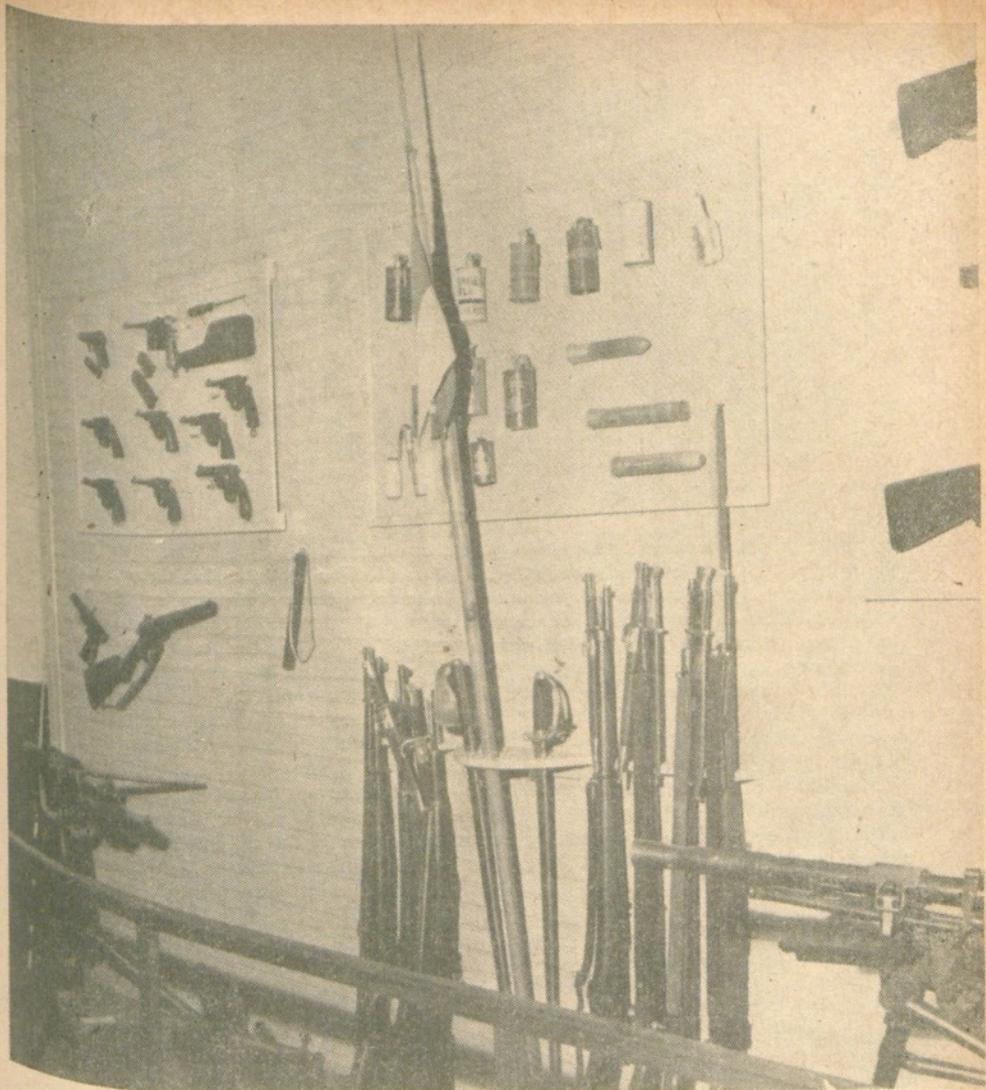
OUTRAS INICIATIVAS

Com a finalidade de facilitar a aquisição de armas de caça por preços reduzidos, conseguiu a Secção que a Fábrica de Armas de Itajubá fornecesse a integrantes da corporação espingarda de caça calibre 36, tendo já sido atendidos cerca de 50 interessados.

Conseguiu também autorização

do Ministério da Guerra, para que a indústria FORJAS TAURUS S/A., vendesse a oficiais da corporação, por preço de fábrica, revólveres calibre .38, .32 e .22, com diversos tamanhos de cano. A primeira remessa chegou e está sendo entregue.

Está no momento a Secção estudando a possibilidade de vender ao pessoal da Força Pública, munição



Parte do mostruário do armamento e petrechos em uso na Fôrça Pública.

da Companhia Brasileira de Cartuchos, de diversos calibres, bem como de aceitar encomendas de revólveres calibre .22 e arma de caça da indústria gaúcha «Metalúrgica e Munições Amadeu Rossi e Cia.», de São Leopoldo. O mesmo pretende fazer com pistolas de pressão, calibre 4,5 milímetros, de fabricação paulista.

FINALIZANDO

Eis aqui, em rápidas palavras, o que nos foi dado a observar na visita que fizemos à Secção de Material Bélico, que — pequena, sem meios e mal instalada — tem cumprido a contento suas atribuições. Muito mais poderá fazer, se for melhor aquinhada de meios e tiver completa independência, transformando-se num Serviço autônomo.



Destaque da FÔRÇA PÚBLICA

Milicianos de todo o Brasil viram passar os últimos dois meses com a ameaça de que o deputado autor do projeto de lei básica das Polícias Militares retire a propositura, num recuo decepcionante. Ao mesmo tempo, crescem as dificuldades de toda ordem para os policiais militares, a exemplo do que ocorre com as demais classes populares. Entretanto, em todos os Estados, as P.M. procuram aperfeiçoar seus serviços, em defesa do povo. Em São Paulo, mais um curso de comandantes de pelotão de choque foi organizado, de acordo com os mais modernos requisitos. Dezenas de greves puseram em polvorosa a população e nossos milicianos vigiaram dia e noite, para garantir o direito constitucional de paralisação do trabalho e proteger os que preferissem trabalhar. Na greve quase inédita dos servidores municipais, desempenharam inclusive o papel de coveiros, para que cadáveres não se acumulassem insepultos. Em todas as ocorrências onde foi necessária sua presença, lá estava a Fôrça Pública de São Paulo, para tranqüilidade de todos. E mais uma turma de alunos do Curso de Formação de Oficiais recebeu solenemente seus espadins, ante os aplausos do público.

SERVIDORES PÚBLICOS EM GREVE

Em princípios de maio do corrente ano, a capital paulista foi agitada por um movimento raro: greve dos pequenos servidores municipais. Em consequência, a Fôrça Pública entrou em ação imediatamente, embora a deflagração da parede fosse inesperada. E a ordem foi mantida. Nossos milicianos garantiram aos trabalhadores da Municipalidade o direito de trabalhar ou deixar de fazê-lo. E, mais ainda, socorreram a população em tudo o que se fez necessário.

Bombeiros Substituem Coveiros

Os cadáveres não se acumularam em decomposição, graças à pronta intervenção dos bombeiros. Os homens do fogo não tiveram dúvidas em substituir os coveiros, para manter a saúde da população livre de mais um perigo. E foram aplaudidos por todos, inclusive pelos grevistas.

Houve quem protestasse contra a atuação da Fôrça Pública, vendo-a como uma forma de constringer os trabalhadores a abandonar o movimento. Entretanto, os milicianos nada mais fizeram senão manter a ordem e defender a integridade pública. O Público ficou perfeitamente esclarecido e sabe que não compete à Polícia Militar decidir sobre a questão dos pequenos servidores que percebem menos que o salário mínimo. Todos sabem, da mesma forma, que as medidas de represália tomadas pela administração municipal nada tem a ver com a ação de nossos homens.

TROPA DE CHOQUE: ÊXITO DA NOVA TÉCNICA

Em tumultos havidos durante o mês de junho findo, a nova técnica empregada de controle de distúrbios pela tropa da Fôrça Pública, no interior, surtiu "in totum" o efeito desejado. A situação, por mais de uma vez foi facilmente dominada, sempre sem a menor violência e com rapidez fora do comum.

É a aplicação dos ensinamentos adquiridos por nossos oficiais no Curso de Comandante de Pelotão de Choque, cujo término noticiamos no último número de MILITIA. O público paulista, assim começa a ver baionetas empregadas, não para matar, mas para proteger.

FUTUROS OFICIAIS RECEBEM ESPADINS

Noivas, pais e outros familiares, além de grande número de convidados, compareceram ao quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, para assistir à entrega de espadins aos novos alunos do Curso de Formação de Oficiais, na manhã de 24 de maio último. São alunos oficiais que já venceram a primeira etapa: os dois anos do Curso Preparatório. Restam três.

Numerosas autoridades presentes, entre as quais destacamos o governador do Estado, os comandantes do II Exército, da IV Zona Aérea, da II Divisão de Infantaria e da Força Pública e o diretor da Guarda Civil, tiveram oportunidade de apreciar uma demonstração de disciplina e adestramento, na apresentação impecável, não só dos futuros oficiais mas de toda a tropa de nossa unidade-escola. Um dos números que mais atraiu a curiosidade do público foi a execução de 320 movimentos de ordem unida, por um pelotão de alunos oficiais, sem voz de comando. Trata-se de exibição tradicional na Escola de Oficiais, mas ainda pouco conhecida no Brasil.

DIA DAS POLÍCIAS: CUMPRIMENTOS DE ESCOLARES

Alunas do Grupo Escolar Carlos Escobar, desta capital, dirigiram cartas de saudação à Força Pública, por intermédio de MILITIA, por ocasião do dia das Polícias Militares. Uma das missivistas — Francisca Emília Santos Gomes — fez seus cumprimentos extensivos a todas as P.M. brasileiras. "As Polícias Militares — escreve ela — representam em nossa nação a manutenção da ordem".

Sua colega Ruth Bernardi nos diz: "Apesar de ser ainda uma pequena aluna do 5.º ano feminino, já sei compreender os grandes valores dessa sempre honrada classe". Ruth agradece os sacrifícios

de nossos milicianos, que garantem a paz nos lares paulistas, muitas vezes com risco da própria vida, "deixando nossa família tranqüila".

Iracema Francisco da Silva, outra pequena estudante, realça os feitos dos milicianos que lutam para "manter a ordem quando há paz e defender a pátria quando há guerra". No ensejo cumprimenta-nos pela passagem do 127.º aniversário de fundação da milícia de Tobias de Aguiar, transcorrido a 15 de dezembro último.

A direção de MILITIA agradece as referências feitas e as congratulações. Os milicianos da Força Pública, animados pela palavra das penquenas patrícias, lutará cada vez mais para corresponder à confiança neles depositada.

R.P. DE SÃO PAULO: 22 ANOS

Com uma série de solenidades, a Rádio-Patrolha de São Paulo comemorou seu 22.º aniversário, transcorrido a 11 de abril último. Alunos de nossa Escola de Oficiais e da Escola de Polícia, bem como representantes da Polícia Feminina, além de escoteiros e numerosos estudantes visitaram a organização aniversariante, entre os dias 6 a 11.

Foi o seguinte o programa de comemorações: dia 8 — futebol entre representações da Força Pública e da Guarda Civil; dia 10 — conferência do sr. Maximiano de Sousa Carvalho, sobre a história da R.P.; dia 11 — Missa em ação de graças.

VISITA DE OFICIAL PIAUIENSE

Em 8 de junho findo, esteve em visita a nossa redação o ten. cel. Joaquim de Araujo Farias, da P.M. do Piauí. O visitante, que veio a São Paulo em missão oficial, percorreu as dependências da Tipografia da Força, onde é confeccionada MILITIA e teve oportunidade de ver nossas máquinas em funcionamento.

Em palestra com nossos redatores, aquele oficial se inteirou de como é feito o noticiário da secção "Notícias das Co-irmãs" e, na oportunidade, ressaltou a importância do intercâmbio entre as P.M. do Brasil. Acompanhou-o, em sua visita, o ten. cel. Olívio Franco Marcôndes, chefe de nosso Serviço de Intendência.

o Brasil em dois meses



Dois fatos se destacaram particularmente entre os últimos acontecimentos brasileiros: o rompimento com o Fundo Monetário Internacional e a encampação da Cia. de Energia Elétrica Rio Grandense, subsidiária da "Bond & Share". Ao mesmo tempo, na capital da República, um médico repetiu proeza de miliciano gaúcho, salvando uma vida, e o Serviço de Busca e Salvamento da FAB deu uma demonstração de trabalho racional de equipe, ao salvar a vida de três crianças. Nem tudo porém, foi bom durante o bimestre. As populações de São Paulo e do Rio, bem como de todo o país, encaram com apreensão os sucessivos desastres da E.F. Central do Brasil, onde inúmeras vidas já se perderam. Os cariocas e fluminenses esperam eternamente a construção do propalado túnel Rio-Niterói, para solucionar o problema do transporte através da Guanabara, que ocasionou o massacre de populares revoltados contra a deficiência do serviço. As ruínas do incêndio ateado pela multidão desesperada, que não recuou nem ante a carga de fuzilaria, lá estão, em Niterói, como um grito de alerta contra possíveis ocorrências futuras.

BRASIL ROMPE COM F.M.I.

Definitivamente rompeu o Brasil com o Fundo Monetário Internacional, em face das exigências demasiadas daquela organização, para conceder empréstimo a nosso país. O fato provocou os mais desencontrados comentários, mas a reação popular foi de júbilo e aplauso a uma demonstração de independência do presidente da República, na luta pela nossa emancipação econômica.

As conversações com o F.M.I., que haviam sido interrompidas, foram reiniciadas em fins de maio. Houve algum otimismo, prevendo-se uma solução favorável para junho. Mas os banqueiros permaneceram irredutíveis nas imposições iniciais e o presidente da República tomou a resolução que se conhece: pôs fim aos entendimentos, mandando retornarem os enviados do Brasil. Em discurso proferido no Catete, ante a multidão que foi hipotecar-lhe solidariedade, afirmou sua posição de firmeza ante as pretendidas injunções do capital estrangeiro.

BOMBA GAÚCHA DA ENCAMPAÇÃO

Explodiu como uma bomba a encampação da "Bond & Share" no Rio Grande do Sul. Quase toda a energia elétrica da área explorada pela empresa era produzida pelo Estado sulino, que se via obrigado a cedê-la à concessionária, por preço irrisório. A mesma energia, muito encarecida, era revendida ao público. E lucros fabulosos escoavam-se para o exterior. Daí a atitude decisiva do governador Leonel Brisola. A encampação já foi ratificada pela justiça e, em Minas Gerais, esboça-se movimento semelhante, com relação à empresa que presta os mesmos serviços em Belo Horizonte, frequentemente às escuras.

O governador gaúcho, em declaração à imprensa, assegurou ainda que, em cumprimento ao programa elaborado, todas as empresas estrangeiras que exploram serviços de utilidade pública serão encampadas até o fim do quadriênio.

Salvando uma vida médico repete feito de Miliciano .

Recentemente, a imprensa divulgou a atitude de um médico que salvou a vida de um menino, na capital da Republica, mediante sucção de secreção que impedia a criança de respirar. Repetiu-se assim fato divulgado por MILITIA em seu número de março/abril do corrente ano. Recorda-se que se trata de notícia enviada por nosso correspondente em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, onde um miliciano salvou uma vida sugando o muco que impedia a respiração de uma jovem. Agora, no Rio, atacado de difteria, um menor com 7 anos de idade foi transportado a um Posto de Assistência carioca. Em estado grave, foi submetido a traqueotomia, sem resultado. Percebendo que o muco acumulado na traquéia vedava a passagem do ar, um dos médicos do Posto aplicou a própria boca ao orifício efetuado e praticou a sucção que salvou o garoto.

Só então o facultativo pensou em si. Tomou uma injeção anti-diftérica para para evitar o contágio e silenciou. Como o diretor do estabelecimento soube do ocorrido, cientifico a autoridade competente para que fizesse constar elogio em boletim. Só com a publicação do boletim, veio a imprensa a tomar conhecimento do fato. O médico não quis a menor publicidade em torno do caso e não admitiu que o fotografassem. É o facultativo Oscar Hamilton Land, do Posto de Assistência do Meyer.

PATRÃO "OPERARIO"

Em sorteio recentemente efetuado na capital da Republica, um operario deveria ser contemplado com uma casa destinada a um trabalhador do SESI. O premiado foi o sr. F.S. Farmer, que exerce a função de diretor-presidente de importante empresa industrial. Felizmente recusou o premio. A reportagem apurou que o fato foi possível em virtude da legislação vigente, segundo a qual os diretores de uma sociedade anônima são inscritos no Ministério do Trabalho como funcionários da mesma.

AVIAO DA FAB SALVA TRÊS VIDAS

Em princípios de maio, três crianças morreriam em Pariqüera-Açu, no litoral sul de São Paulo, se não fossem socorridas urgentemente, com soro anti-ofídico. Acontece que aquela localidade não dispõe de soro e se acha demasiado afastada dos grandes centros. Só um milagre as salvaria, E o milagre chegou em tempo hábil, sob a forma de um avião da FAB. Pouco depois, um aviso foi recebido em São Paulo: as crianças estavam salvass.

O milagre foi possível e será sempre que, em tais casos, se agir com presteza, eficiência e boa vontade. Pedido socorro ao secretário da Saúde, as autoridades entraram em contato com o Q.G. da IV Zona Aérea e imediatamente foram expedidas ordens para que um avião decolasse conduzindo os medicamentos. Quando o piloto chegou ao campo de Marte já o soro esperava por ele e, quarenta minutos depois, estava em Pariqüera-Açu".

É interessante notar que tudo se fez com rapidez e disciplina. Enquanto alguém providenciava o soro, havia alguém designando piloto e dando ordens para que determinado aparelho pudesse decolar com precedência sobre todos os demais. No aeroporto, um oficial da FAB acionava o motor e outro recebia a droga. Graças ao trabalho racional de todos, salvaram-se três vidas.

ACIDENTES NA CENTRAL

Prosseguem regularmente os acidentes na E.F. Central do Brasil. Depois da catástrofe de Engenheiro Goulart, em princípios de junho último, em que se perdeu meia centena de vidas, além de inúmeros feridos, outras ocorrências semelhantes houve, embora em menores proporções. Quando não há incêndio em uma composição, é um descarrilamento que põe em pânico os passageiros.

No caso de Engenheiro Goulart, porém, os técnicos da Estrada demonstraram a facilidade com que se encontra uma solução: responsabilizar pequenos funcionários. Dormentes podres e outras irregularidades apontadas pela imprensa e documentadas fotograficamente... são outra história.

SANGUE EM NITERÓI

A população de todo o Brasil ainda está atenta no que diz respeito ao ser-

viço de transporte entre o Rio e Niterói, desde o incidente sangrento lá ocorrido em maio último, quando os fuzileiros navais abriram fogo contra o povo revoltado ante a falta de transporte. E voltou-se a falar no sonhado túnel submarino da Guanabara.

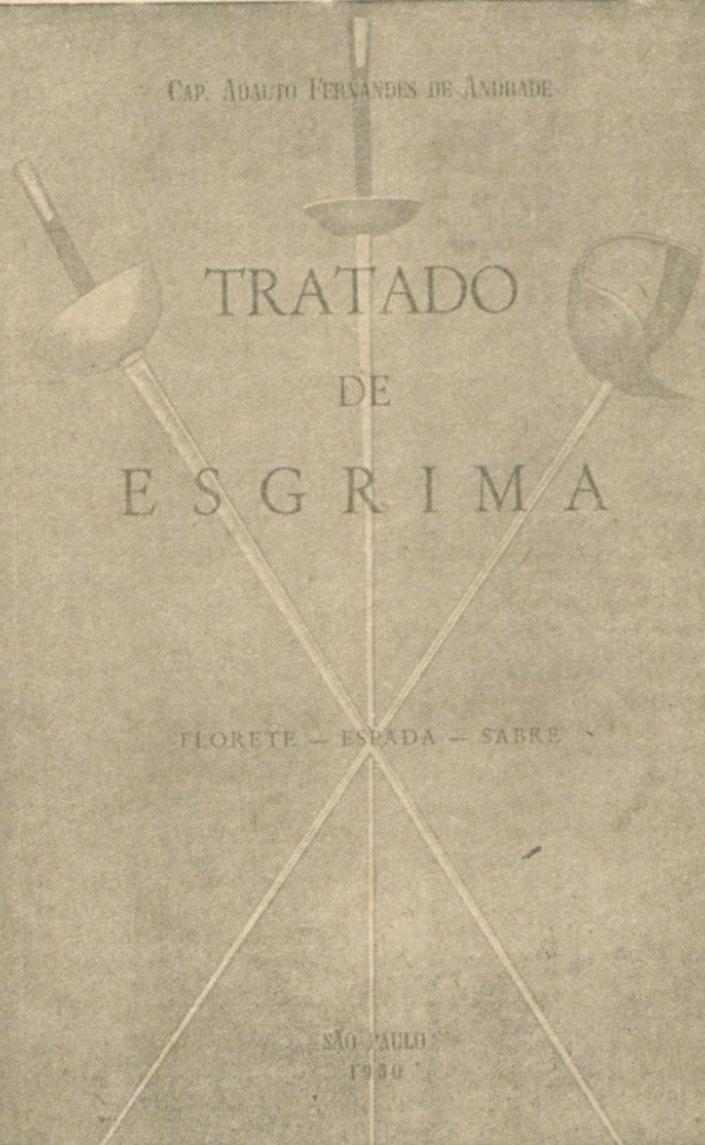
Mas, por enquanto, são barcas e lanchas de particulares que operam entre o Distrito Federal e a capital fluminense, embora com intervenção federal no grupo Carreteiro.

I CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO PENAL MILITAR



CONDECORAÇÃO — Por ocasião do I Congresso Brasileiro de Direito Penal Militar, levado a efeito no Rio de Janeiro, o Superior Tribunal Militar decidiu conferir a medalha de alta distinção da Ordem do Mérito Judiciário Militar ao presidente da República e a várias personalidades que participaram do conclave, entre as quais o presidente da delegação de Minas Gerais e o presidente do Tribunal de Justiça Militar deste Estado, ministro Antônio de Oliveira Costa. O vice-presidente do T.J.M. paulista, cel. Odilon Aquino de Oliveira, bem como todos os outros congressistas, recebeu a mesma condecoração, em grau inferior. Na foto, o presidente de nosso T.J.M., ao ser condecorado pelo presidente da República, em cerimônia levada a efeito posteriormente.

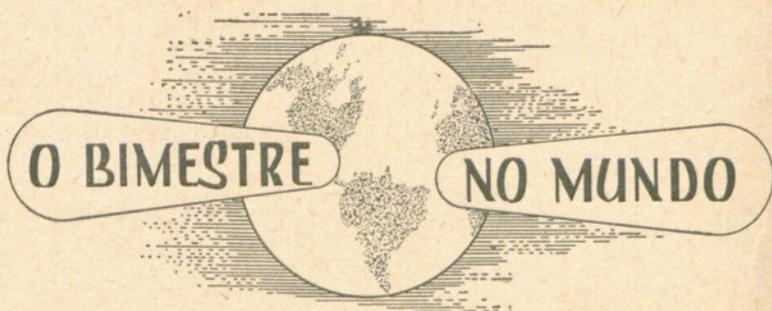
CAP. ADAUTO FERNANDES DE ANDRADE



TRATADO
DE
ESGRIMA

FLORETE — ESPADA — SABRE

SÃO PAULO
1930



O mundo continua à espera de uma solução para os problemas referentes a uma possível guerra atômica e às divergências entre oriente e ocidente. Na conferência de Genebra nada se resolveu e os berlinenses ainda não conquistaram sua emancipação, na Alemanha dividida. Entretanto, os povos continuam a agitar-se em defesa das liberdades democráticas. Na Argentina prosseguem as manifestações de revolta, a despeito da reação governamental e de modificações no Ministério. Os norte-africanos lutam por sua integração no mundo árabe, independente dos interesses de potências européias. Cuba, na construção de sua nova sociedade, rompe com a República Dominicana, onde o governo está às voltas com os rebeldes.

GENEBRA: Nada de novo sob o Sol

No decorrer de maio e junho, encontraram-se em Genebra os chanceleres das grandes potências do leste e do oeste. Objetivo: solução da crise de Berlim e controle das experiências atômicas. Resultado: nenhum. Chegou o mês de junho, interrompeu-se a conferência e nada de novo se conseguiu. Espera-se agora a propalada conferência de cúpula, mas o presidente dos Estados Unidos não viu em Genebra nenhum resultado que a justificasse.

Rejeitado pelos soviéticos, o plano ocidental do comitê pan-germânico, rejeitado pelos ocidentais as contrapropostas oferecidas, nenhum acordo se conseguiu. Os chanceleres do oeste pretendem realizar conferência entre si,

antes da conferência de cúpula. A U.R.S.S. exigiu retirada das tropas estrangeiras de Berlim, mas não conseguiu seu intento. Os norte-americanos, britânicos e franceses queriam plebiscito sobre a reunificação alemã, mas sem retirar suas tropas. Em consequência, perdura o impasse.

Com a morte do secretário de Estado norte-americano, em 25 de maio último, seu substituto Christian Herter representou os Estados Unidos em Genebra. A posição assumida, porém, permaneceu até o fim e nada se resolveu. As experiências atômicas continuam a constituir uma ameaça para o mundo e os alemães precisam esperar outra oportunidade.

ARGÉLIA: Prossegue a agitação

Na Argélia, a situação não foi modificada. Agita-se a população árabe, em constantes choques com as tropas francesas, partidários de De Gaulle e seus adversários degladiam-se, prometem-se soluções e nada se resolve. Observadores internacionais vêem como única

saída para o caso a emancipação do país e sua integração no mundo árabe

CUBA: Sintoma novo

Os sucessos de Cuba são apontados como um sintoma de algo novo na América Latina. Fidel Castro, que esteve recentemente entre nós, põe em execução

• PARA ORIENTAR BOMBEIROS PROFISSIONAIS
NOS SERVIÇOS DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS

• PARA ORIENTAR INDUSTRIAIS E COMERCIANTES
NA FORMAÇÃO DE EQUIPES DE COMBATE A INCÊNDIOS

≡ MANUAL ≡ DE PREVENÇÃO E COMBATE ≡ DE INCÊNDIO ≡

— DO 1.º TEN. ORLANDO SECCO —

ÚNICA OBRA EM PORTUGUÊS PARA OS MISTERES ACIMA

PEDIDOS AO AUTOR - QUARTEL GENERAL DA FÔRÇA PÚBLICA
PRAÇA FERNANDO PRESTES, 115 — S. PAULO

seu plano de reforma agrária e já conseguiu baratear sensivelmente o custo de vida. Centenas de criminosos foram fuzilados e, praticamente, não resta vestígio da ditadura de Batista. Assessorado pelos jovens que compõem seu gabinete, o primeiro ministro cubano vem ainda enfrentando toda a oposição do exterior.

O governo da República Dominicana assistou suas baterias contra Cuba. Fidel Castro rompeu relações com aquele país e prossegue sua marcha. Enquanto isso, o ditador dominicano debate-se para esmagar os rebeldes. Só num encontro entre revoltosos e tropas legais estas perderam cerca de duzentos homens, em junho último.

FRONDIZI em apuros

Muito embora o governo de Frondizi reagisse violentamente contra a greve dos bancários argentinos, estes continuaram o movimento paredista, em defesa de suas reivindicações. O descontentamento fez-se sentir igualmente em todas as outras classes trabalhadoras e nas Forças Armadas.

Em 13 de junho, foi anunciada a abertura de uma conspiração contra o presidente da República e, alguns dias

depois, vários generais foram presos. O ex-vice-presidente Isaac Rojas pediu a renúncia imediata de Frondizi, ante os aplausos de grande parte do povo. Em 25 do mesmo mês, novos ministros prestaram o juramento solene de praxe. A tentativa de Frondizi de valer-se de seus novos colaboradores, para dar uma orientação segura ao governo, porém, não surtiu o efeito desejado. Peronistas, como outros representantes de partidos da oposição, são acusados, muitos são presos, mas prossegue a onda de descontentamento e há quem preveja um fim escabroso para o atual governo daquela República vizinha.

PAZ E ESPERANÇA

Apesar de todos os pesares, não há clima para uma nova guerra. Verificam-se convulsões internas em diversos países, mas o poderio bélico das grandes potências cresceu demasiadamente para que um dos grupos se atreva a lançar-se a uma guerra.

A agitação que se vê em numerosos países revela — segundo os observadores — a ânsia de liberdade e a esperança de um mundo melhor, onde todos possam viver em paz.

Educação física e esportes



≡ Direção do cap. Francisco Antonio Bianco Junior ≡

Mestre Ferenc Marki visita nossa E. E. F.

Visitou a nossa Escola de Educação Física o mestre de armas húngaro Ferenc Marki. Sem dúvida fôí para êsse estabelecimento de ensino uma grande honra, pois a nosso convite o mestre Ferenc, com seu melhor aluno, seu filho, aproveitou a oportunidade para demonstrar o método de sua pátria, o seu método de ensino de esgrima que sem dúvida, interessou sobremaneira aos mestres, monitores e alunos dos cursos em funcionamento no presente ano letivo. E o fêz de maneira soberba, onde imperou a agilidade e a técnica, conjugando-se de maneira perfeita. É o sr. Ferenc um grande mestre. Possui excelente resistência física, exige dos movimentos muita utilidade para as ações e emprega a continuidade, fator importante no decorrer da lição. Demonstrou sua técnica nas três armas. É ótimo no florete e em espada, mas é excepcional no sabre, que domina com muita facilidade, justificando o valor que de fato possuem os húngaros, pois são os campeões mundiais e olímpicos já há muito tempo. Mestre Ferenc deu-nos soberbas lições do método moderno, que exige na movimentação muita agilidade. Não se perdeu em muita observação de estilo, mas exigiu do seu aluno uma rapidez de movimento sempre constante e precisão absoluta nas ações.

Foi mestre da Academia Militar da Hungria e possui os seguintes cursos: professor de educação física, e esportes, mestre de armas e preparador físico. Foi também técnico e mestre das equipes húngaras em duas olimpíadas, campeonatos mundiais e europeus e outros campeonatos



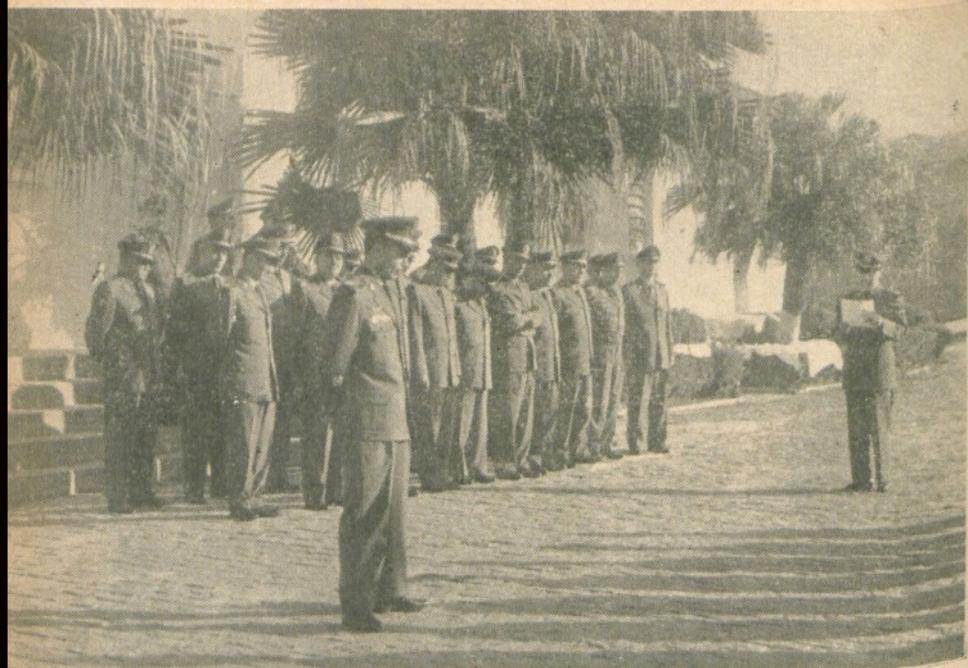
Grupo formado durante a visita, vendo-se em segundo plano, no centro, o visitante entre seu filho, e o cap. Francisco Antonio Blanco Jr., que é responsável pelo curso, ao lado de monitores do mesmo. Na frente, os alunos.

internacionais. Foi treinador de equipes russas por algum tempo, quando estas vinham à Húngria durante uma temporada, a fim de se prepararem convenientemente. Foi ainda o mestre Ferenc professor de esgrima do Clube de Scherma, em Torino (Italia) em 1957. Diplomou-se em 1935 em sua terra natal, tendo ainda mais dois anos obrigatórios de mestraria para poder lecionar.

É o mestre Ferenc um esgrimista de escol e um mestre de grandes méritos. Faz da disciplina a sua maior virtude, impondo-a também aos seus alunos.

Ao ensejo de sua visita, foram batidas algumas chapas em que o mestre aparece confraternizando-se com a nossa Escola. A sua simpatia e seu espirito de camaradagem deleitou a todos os presentes, que sem dúvida, assistiram a um grande espetáculo. Muito aproveitou a nossa Secção de Esgrima dessa visita, que ficará gravada para sempre.

Desejamos ao mestre Ferenc e a seu brilhante filho, que já é um grande esgrimista, um futuro bastante promissor em nossas salas de armas. O Comando da Escola, de Educação Física, põe a sua Sala modesta à disposição do distinto mestre, para maiores contactos, do que muito aproveitarão os nossos alunos.



NOVO COMANDANTE — Em 2 de junho findo, assumiu o comando da Escola de Educação Física o major Adauto Fernandes de Andrade, transferido do Batalhão de Trânsito. Na E.E.F., substituiu o major Ricardo Colaço França. A solenidade contou com a presença do comandante geral, cel. Arrison de Sousa Ferraz, além de oficiais da Escola e de outras unidades. A foto superior fixa o instante em que o ex-comandante lê seu boletim especial diante da oficialidade. Na inferior tem a palavra o comandante atual.



Charadista!

Cruzadista!

Acha-se à venda o ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO”, de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para charadistas e cruzadistas, com um suplemento contendo alfabetos, música, noções sobre cabala e sinais diversos empregados pelos apreciadores da arte enigmística.

O “ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO” é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos dicionários adotados nas seções de palavras cruzadas e de charadas das publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compôr e decifrar charadas, enigmas desenhados e palavras cruzadas.



Pedidos pelo reembolso postal, à gerência de MILITIA — rua Alfredo Maia, 106 — SÃO PAULO — BRASIL.

NOSSOS CORRESPONDENTES

- BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros):** Dirección General de Policía, La Paz — cap. Saul Herbas Casanovas.
- CHILE (Cuerpo de Carabineros):** Prefectura General, Valparaiso — cap. Franklin Troncoso Bachler; IV Zona de Carabineros, Concepción — cap. Moisés Suty Castro; San Bernardo — cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.
- ACRE (Guarda Territorial):** Q.G., Rio Branco — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.
- ALAGOAS (Policia Militar):** Q.G., Maceió — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho; Destacamento Policial, São Braz — sgt. José Pereira da Silva.
- AMAPÁ (Guarda Territorial):** Sede, Macapá — ten. Uladih Charone.
- BAHIA (Policia Militar):** Palácio da Aclamação — major Edson Franklin de Queirós; 2.º B.C., Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda; 3.º B.C., Juazeiro — cap. Salatiel Pereira de Queirós, Corpo Municipal de Bombeiros, Salvador — cap. Alvaro Albano de Oliveira.
- CEARÁ (Policia Militar):** B.I., Fortaleza — major José Delídio Pereira.
- DISTRITO FEDERAL (Policia Militar):** Q.G., ten. Luiz Alberto de Souza, R.C. — ten. Hernani Alves de Brito; 6.º B.I. — ten. Ênio Nascimento dos Reis; C.B. — ten. Fernando Carlos Machado.
- ESPIRITO SANTO (Policia Militar):** Q.G., Vitória — ten. João N. dos Reis
- GOIAS (Policia Militar):** Q.G., Goiânia — cap. Antônio Bonfim dos Santos; 2.º B.C., Goiás — ten. Rui Barbosa de Moura.
- MARANHAO (Força Policial):** Q.G. São Luís — cap. Eurípedes B. Bezerra.
- MATO GROSSO (Policia Militar):** Comando Geral e 1.º B.C., Cuiabá — asp. Pernambuco da Costa Leite Filho, 2.º B.C., Campo Grande — ten. Edgard A. de Figueiredo; 2.ª Cia. do 2.º B.C., Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro.
- MINAS GERAIS (Policia Militar):** Q.G., Belo Horizonte — ten. Carlos Augusto da Costa; 3.º B.I., Diamantina — ten. Geraldo Francisco Marques; 7.º B.I., Bom Despacho — cap. José Guilherme Ferreira; 8.º B.I., Lavras — ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro, 9.º B.I., Barbacena — ten. Manoel Tavares Corrêa.
- PARA (Policia Militar):** Q.G. Belém — major dr. Valter da Silva.

- PARAÍBA (Polícia Militar): Q.G., João Pessoa — ten. Luís Ferreira de Barros.
- PARANÁ (Polícia Militar): Q.G., Curitiba — ten. Eosni de Sena Maria Sobrinho.
- PERNAMBUCO (Polícia Militar): Quartel do Derbi, Recife — major Olinto de Souza Ferraz.
- PIAUI (Polícia Militar): Q.G., Teresina — ten. Elesbão Soares.
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar): Q.G., Niterói — cap. Ademar Guilherme.
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar): Q.G., Natal — ten. José G. Amorim.
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar): Q.G., Porto Alegre — ten. João Aldo Danesi; 2.o R.C., Livramento — cap. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Polícia Militar): Q.G., Florianópolis — ten. Hello A.A. Dutra de Azevedo; 3.a Cia. Isolada, Canoinhas — ten. Edgar C. Pereira.
- SÃO PAULO (Força Pública): Q.G. — ten. José Fernandes; C.F.A. ten. Valdomiro de Abreu; R.C. — ten. Horácio Bonzon e Carlos Aderbal Lorenz; B.G. — ten. Nivaldo Antônio Trevisan; C.B. — ten. Luís Augusto Savioli e asp. Joel Avoletta; 1.o B.C., Araraquara — asp. Waldomiro Christiano; 2.o B.C. ten. João de Oliveira Leite; 3.o B.C., Ribeirão Preto — tens. Nelson Homem de Melo, Clovis Carvalho Azevedo (1.a Cia. — Barretos) e Plínio Vaz (2.a Cia. — Casa Branca); 4.o B.C., Bauru — tens. Aparecido do Amaral Gurgel e Paulo Rodrigues (2.a Cia. — Araçatuba) e asps. Achilles Craiveiro (1.a Cia. — Marília) e João Angelo Machado Lima (4.a Cia. — Jaú); 5.o B.C., Taubaté — ten. Emerio Benedito Monteiro; 6.o B.C., Santos — cap. Gilberto Tuiuti Vilanova; 7.o B.C., Sorocaba — ten. Antônio Carlos Martins Fernandes; 8.o B.C., Campinas — ten. Evandro Martins (Piracicaba) e asp. Ivo de Camargo Varbas; 1.o B.I. — cap. Ari José Mercadante; 2.o B.I. — ten. Jatir de Souza 3.o B.I. — ten. Francisco Rodrigues; S.I. — ten. Álvaro Pielusch Altmann; S. Subs — ten. Antônio Meneghetti, E.E.F. — cap. Francisco Antônio Bianco Jr; S.T.M. — ten. José Varela; S.S. — ten. João Cardoso; C.M. — subten. José Romeu; S.F. — ten. Jonas Simões Machado; 3.a Cia. Ind., Presidente Prudente — cap. Domingos de Melo; 1.a C.I.B., Santos — cap. Paulo Marques Pereira; Domingos de Melo; 1.a C.I.B., Santos — cap. Paulo Marques Pereira; C.P.R. — ten. Flávio Capeletti; C.P.F. — ten. Mário Rodrigues Montemor.
- SERGIPE (Polícia Militar): Q.G., Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
14							+						
15						+		+					
16					+				+				
17			+							+			
18				+					+				
19						+		+					
20							+						

HORIZONTAIS:

14 — Adepto de seita religiosa norte-americana; ave noturna. 15 — Andareis; fazem versos. 16 — Sacerdote budista entre mongóis e tibetanos; da Média. 17 — Eleva; intelecto; desde. 18 — Tõdas as coisas; curado; monarcas. 19 — Inimigo aprisionado pelos espartanos e feito servo do estado; suposta. 20 — Grande artéria que nasce no ventrículo esquerdo do coração (plural); abrir e pontear casas para botões.

VERTICAIS:

1 — Nossa revista. 2 — Divindade que respondia a consultas, na antiguidade. 3 — O que rema. 4 — Do verbo

miar; filósofo e historiador alemão ou de Strasburgo. 5 — Artigo; em partes iguais. 6 — Pedestais. 7 — Farol. 8 — Nome de homem. 9 — Sufixo; nota musical. 10 — Viscera dupla; zombas. 11 — Torna úmido. 12 — Silicato de alumínio e sódio. 13 — Transformar em massa.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

Horizontais: — Abanes — Asem — Ut — Só — Er — Reduzira — Amoras — Rá — Gi — S.S. — Mica — Bororo.

Verticais: — Bá — Assurgir — Neozóico — Em — Curare — Grassa — Tema — Eras — Do — Is — Mó — Ar.



NOSSA CAPA

Dick, cão pastor da Força Pública, posa para a objetiva de MILITIA, juntamente com um miliciano e o menino Eduardinho, de quem salvou a vida em rumoroso caso de seqüestro ocorrido há alguns anos em São Paulo. A foto foi colhida durante as solenidades levadas a efeito no Prado da Mooca, por ocasião do dia das Polícias, em 1956. Agora, o herói canino está morto. A êle nossa última homenagem.